



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**LETRAS – ESPANHOL E PORTUGUÊS
COMO LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

**PORTUNHOL A PARTIR DA PAISAGEM LINGUÍSTICA NA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA**

ALEJANDRO ANDRES REBOLLEDO FLORES

Foz do Iguaçu
2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**LETRAS – ESPANHOL E PORTUGUÊS COMO
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

**PORTUNHOL A PARTIR DA PAISAGEM LINGUÍSTICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL
DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA**

ALEJANDRO ANDRES REBOLLEDO FLORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras – espanhol e português como línguas estrangeiras.

Orientador: Prof. Dr. Wagner Barros Teixeira

Foz do Iguaçu
2024

ALEJANDRO ANDRES REBOLLEDO FLORES

**PORTUNHOL A PARTIR DA PAISAGEM LINGUÍSTICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL
DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras – espanhol e português como línguas estrangeiras.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Wagner Barros Teixeira
Unila

Prof. Dra. Jorgelina Ivana Tallei
Unila

Prof. Dra. Isis Ribeiro Berger
Unioeste

Prof. Dra. Miriam C. Garcia Rosa
Suplente
Unila

Prof. Dra. Ligia K. Martins de Andrade
Suplente
Unila

Foz do Iguaçu, 24 de abril de 2024.

Dedico este trabalho a Minha esposa
Yasmin e meus filhos Martin, Daniel e
Valentina.

AGRADECIMENTOS

Quiero expresar mi más sincero agradecimiento a todas las personas que me han apoyado y acompañado en este viaje académico:

En primer lugar, a mi familia, por su inquebrantable amor, aliento y sacrificio. Su constante apoyo ha sido mi mayor motivación y fortaleza.

A mis amigos, en especial a María de Lourdes Aquino, quienes han estado a mi lado en los momentos difíciles y han compartido conmigo las alegrías de este camino. Su compañía ha hecho que cada día sea más significativo.

A la universidad, por brindarme la invaluable oportunidad de adquirir conocimientos y crecer como persona. Estoy agradecido por los recursos, las instalaciones y el ambiente de aprendizaje que han enriquecido mi experiencia académica. Con ello extendo estos agradecimientos a profesores y Tae's.

A mi orientador, profesor Dr. Wagner Barros Teixeira, por su guía experta, paciencia y dedicación. Sus consejos y sugerencias han sido fundamentales para el desarrollo de este trabajo y mi crecimiento profesional.

A los profesores, Dra. Isis Ribeiro Berger e Dra. Jorgelina Ivana Tallei, miembros de la banca examinadora, por sus palabras de orientación.

Y finalmente, a mis compañeros de clase, por compartir conmigo esta travesía académica. Sus ideas, debates y colaboración han enriquecido mi aprendizaje y han hecho de esta experiencia una experiencia inolvidable.

A todos ustedes, mi más profundo agradecimiento. Este logro no habría sido posible sin su apoyo y aliento constante.

“O homem é um ser de palavra. Por ela, nomeia o mundo, transformando-o em mundo humano. E é por ela, também, que, em diálogo com o mundo, o nomeia.”

Paulo Freire

“Meu marido entrando no cabaleiro em Foz de Iguaçu:

-Quería cortar o cabelo?

-Você fala inglês?

-Falo, mas falo português também.

-É que o cabeleleiro é árabe, chegou agora é só fala inglês.

Enquanto isso passa na rua uma mulher cantando em guarani e a manicure pinta as unhas em espanhol.

La frontera es esa línea que marca territorios e que atravesamos com o amor diario.

A fronteira também tem seus estereótipos e sua xenofobia “

Jorgelina Tallei (2020, p. 405)

RESUMO

Este trabalho surge da minha experiência como estudante chileno no exterior, enfrentando desafios de comunicação ao chegar ao Brasil para estudar na UNILA, na área de Letras - espanhol e português como línguas estrangeiras (LEPLE). Desde minha chegada a Foz do Iguaçu, recebi advertências de professores, amigos brasileiros e outros, sobre a importância de evitar o uso excessivo de Portunhol. Embora inicialmente tenha me desconcertado, ao aprofundar nos campos do meu curso, especialmente em linguística, entendi que essas advertências se baseiam em paradigmas e preconceitos linguísticos que transcendem a mera linguística e se relacionam com políticas linguísticas e fenômenos de contato entre línguas. Portanto, ao realizar meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), decidi investigar o uso do Portunhol no ambiente linguístico da UNILA, por meio da pergunta: De que maneiras o Portunhol se manifesta no Paisagem Linguística (PL) da UNILA? Busco, desta forma, preencher uma lacuna em sua análise, contribuindo para o conhecimento nesta área. Utilizando estudos prévios, uma metodologia quantitativa, bem como a própria metodologia dos estudos da paisagem linguística, esta pesquisa busca se acercar a uma definição do fenômeno do Portunhol e analisar suas características por meio de registros fotográficos. Os objetivos incluem fornecer possíveis definições do Portunhol na UNILA, analisar os fenômenos de mistura linguística e contribuir para sua compreensão no contexto universitário. A metodologia abrange aspectos quantitativos e documentais, com base nas áreas teóricas: Portunhol, Estratégias de comunicação e estudos da paisagem linguística. Os resultados, por meio da análise de um corpus fotográfico específico obtido na universidade, apresentam duas grandes áreas onde o Portunhol se manifesta, bem como duas correntes teóricas que podem explicar este fenômeno linguístico.

Palavras-chave: Portunhol; Paisagem linguística; Políticas Linguísticas; Línguas em contato; Unila.

RESUMEN

Este trabajo surge de mi experiencia como estudiante chileno en el extranjero, enfrentando desafíos de comunicación al llegar a Brasil para estudiar en UNILA, en el área de Letras - español y portugués como lenguas extranjeras (LEPLE). Desde mi llegada a Foz do Iguaçu, recibí advertencias de profesores, amigos brasileños y otros, sobre la importancia de evitar el uso excesivo de Portuñol. Aunque inicialmente me desconcertó, al profundizar en los campos de mi curso, especialmente en lingüística, comprendí que estas advertencias se basan en paradigmas y prejuicios lingüísticos que trascienden la mera lingüística y se relacionan con políticas lingüísticas y fenómenos de contacto entre lenguas. Por lo tanto, al realizar mi Trabajo de Conclusión de Curso (TCC), decidí investigar el uso del Portuñol en el entorno lingüístico de UNILA, a través de la pregunta: ¿De qué maneras se manifiesta el Portuñol en el Paisaje Lingüístico (PL) de la UNILA? Busco, de esta manera, llenar un vacío en su análisis, contribuyendo al conocimiento en esta área. Utilizando estudios previos, una metodología cuantitativa, así como la propia metodología de los estudios del paisaje lingüístico, esta investigación busca acercarse a una definición del fenómeno del Portuñol y analizar sus características mediante registros fotográficos. Los objetivos incluyen proporcionar posibles definiciones del Portuñol en UNILA, analizar los fenómenos de mezcla lingüística y contribuir a su comprensión en el contexto universitario. La metodología abarca aspectos cuantitativos y documentales, basándose en las áreas teóricas: Portuñol, Estrategias de comunicación y estudios del paisaje lingüístico. Los resultados, a través del análisis de un corpus fotográfico específico obtenido en la universidad, presentan dos grandes áreas donde el portuñol se manifiesta, así como dos corrientes teóricas que pueden explicar este fenómeno lingüístico.

Palabras clave: Portuñol; Paisaje lingüístico; Políticas Lingüísticas; Lenguas en contacto; Unila.

ABSTRACT

This work stems from my experience as a Chilean student abroad, facing communication challenges upon arriving in Brazil to study at UNILA, in the area of Languages - Spanish and Portuguese as foreign languages (LEPLE). Since my arrival in Foz do Iguaçu, I received warnings from professors, Brazilian friends, and others about the importance of avoiding excessive use of *Portuñol* (Portuganish). Although initially it puzzled me, as I delved deeper into the fields of my course, especially in linguistics, I understood that these warnings are based on paradigms and linguistic prejudices that go beyond mere linguistics and relate to language policies and phenomena of language contact. Therefore, when conducting my Course Completion Work (TCC), I decided to investigate the use of *Portuñol* (Portuganish) in the linguistic environment of UNILA, through the question: In what ways does *Portuñol* (Portuganish) manifest itself in the Linguistic Landscape (LL) of UNILA? In this way, I seek to fill a gap in its analysis, contributing to knowledge in this area. Using previous studies, a quantitative methodology, as well as the methodology of linguistic landscape studies, this research seeks to approach a definition of the *Portuñol* (Portuganish) phenomenon and analyze its characteristics through photographic records. The objectives include providing possible definitions of *Portuñol* (Portuganish) at UNILA, analyzing linguistic mixing phenomena, and contributing to its understanding in the university context. The methodology covers quantitative and documentary aspects, based on theoretical areas: *Portuñol* (Portuganish), communication strategies, and linguistic landscape studies. The results, through the analysis of a specific photographic corpus obtained at the university, present two major areas where *Portuñol* manifests itself, as well as two theoretical currents that can explain this linguistic phenomenon.

Key words: *Portuñol* (Portuganish); Linguistic landscape; Language policies; Languages in contact; Unila.

REZIME

Travay sa a sòti nan eksperyans mwen kòm yon etidyan chilyen aletranje, fè fas ak defi kominikasyon lè mwen rive nan Brezil pou etidye nan UNILA, nan domèn Lang - panyòl ak pòtopo as lang etranje (LEPLE). Depi mwen rive nan Foz do Iguaçu, mwen te resevwa avètisman nan men pwofesè, zanmi brezilyen ak lòt moun sou enpòtans pou evite itilize twòp Portuñol. Malgre ke sa te etone m' okòmansman, lè m'te fouye pi fon nan jaden kou mwen, espesyalman nan lengwistik, mwen te konprann ke avètisman sa yo baze sou paradigme ak prejije lengwistik ki depase senp lengwistik epi ki gen rapò ak politik lengwistik ak fenomèn kontak lang. Se poutèt sa, lè m'te fè Travay Fen Kou (TCC) mwen, mwen te deside etidye itilize Portuñol nan anviwònman lengwistik UNILA, atravè kesyon an: Nan ki fason Portuñol manifeste nan Peyizaj Lengwistik (PL) UNILA? Nan fason sa a, mwen chache ranpli yon vid nan analiz li yo, kontribye nan konesans nan zòn sa a. Lè m' itilize etid anvan yo, yon metodoloji quantitative, osi byen ke metodoloji etid peyizaj lengwistik yo, rechèch sa a chache pwoche nan yon definisyon fenomèn Portuñol la ak analize karakteristik li yo atravè anrejistreman fotografik. Objektif yo enkli bay definisyon posib nan Portuñol nan UNILA, analize fenomèn melanj lengwistik yo, ak kontribye nan konpreyansyon li nan kontèks inivèsite a. Metodoloji a kouvri aspè quantitative ak dokimantè, ki baze sou zòn teyori yo: Portuñol, estrateji kominikasyon ak etid peyizaj lengwistik. Rezilta yo, atravè analiz yon kò pwofesyonèl espesifik ki te jwenn nan inivèsite a, prezante de gwo zòn kote Portuñol manifeste, osi byen ke de kouran teyori ki ka eksplike fenomèn lengwistik sa a.

Mo kle: Portiyòl; Peyej lingwistik; Politik Lingwistik; Lang an kontak; UNILA.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Imagem 1: Placa banheiro (PTI).....	.45
Imagem 2: Cartaz exposição (CI).....	.45
Imagem 3: Placa aviso (JU).....	.45
Imagem 4: Grafite "Ni una menos" (JU).....	.46
Imagem 5: Cartaz petitorio (JU).....	.46
Imagem 6: Cartaz Jugos (JU).....	.46
Imagem 7: Grafite protesto contra Israel (CI).....	.47
Imagem 8: Cartaz Pesquisa UNIOESTE (CI).....	.47
Imagem 9:Placa identificação Sala (JU).....	.49
Imagem 10:Placa Identificação Sala (CI).....	.49
Imagem 11:Cartaz aviso Biblioteca (PTI).....	.49
Imagem 12:Placa Orientação (PTI).....	.49
Imagem 13:Placa acesso (JU).....	.50
Imagem 14:Placa acesso Edunila (CI).....	.50
Imagem 15:Cartaz inscrição semana da Africa (JU).....	.51
Imagem 16:Anúncio proj. extensão Aulas de Baile (JU).....	.51
Imagem 17:Anúncio "Olla Común" (JU).....	.51
Imagem 18:Cartaz campanha "Não à discriminação" (JU).....	.51
Imagem 19:Cartaz "Não ao instituto binacional" (CI).....	.51
Imagem 20:Anúncio horário monitorias (CI).....	.52
Imagem 21:Cartaz demanda curso Serv. Social (JU).....	.53
Imagem 22:Placa banheiro (CI).....	.53
Imagem 23:Anúncio monitoria Crioulo haitiano (CI).....	.53
Imagem 24:Cartaz aulas de danza (CI).....	.54
Imagem 25:Anúncio serviço técnico (JU).....	.55
Imagem 26:Cartaz propaganda eleitoral post-graduação (JU).....	.55
Imagem 27:Grafite paralização estudantil (JU).....	.55
Imagem 28:Grafite paralização estudantil 2 (JU).....	.56
Imagem 29:Cartaz proj. "Rebotados" (JU).....	.56
Imagem 30:Cartaz proj. "Rebotados" 2 (JU).....	.56

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Codificação objetos PL Unila.....	38
Tabela 2: Classificação dos Objetos da PL Unileira.....	32
Tabela 3: Línguas presentes na PL Unileira.....	41
Tabela 4: Levantamento de línguas por campus.....	41
Tabela 5: Segmentação de Línguas por Campus/Agente Linguístico.....	42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS (OPCIONAL)

AC	Alternância de Código (<i>Code-Switching</i>)
CI	Campus Integração - UNILA
JU	Jardim Universitário – UNILA
MC	Mistura de Código (<i>Code-Mixing</i>)
PIC	Portunhol interação comunicativa.
PTI	Parque Tecnológico Itaipu
PoL	Políticas Linguísticas
PL	Paisagem Linguística
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1 PORTUNHOL.....	18
2.1.1 Portunhol: língua étnica.....	19
2.1.2 Portunhol Selvagem: entre letras e o imaginário.....	19
2.1.3 Portunhol Interlíngua: Contexto de aprendizagem e/ou aquisição.....	20
2.1.4 Portunhol como Interação Comunicativa (PIC).....	22
2.2 PAISAGEM LINGUISTICA.....	23
2.2.1 Paisagem Linguística e Políticas Linguísticas.....	26
2.2.2 Metodologias e abordagem da PL.....	28
2.3 ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO.....	30
2.3.1 Contato de línguas e bilinguismo.....	30
2.3.2 <i>Code-Switching</i> : Alternância (AC).....	31
2.3.3 <i>Code-Mixing</i> : Mistura de Códigos (MC).....	32
2.3.4 Translinguagem.....	33
3. METODOLOGIA.....	36
3.1 ESCOLHA METODOLÓGICA.....	36
4. ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS.....	40
4.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS ESTADÍSTICOS.....	40
4.2 INTRODUÇÃO AO DEBATE.....	43
4.3 CARACTERÍSTICAS DA PAISAGEM LINGUÍSTICA DA UNILA.....	44
4.3.1 Monolinguismo e políticas linguísticas.....	44
4.3.2 Bilinguismo: Alternância de código e políticas linguísticas.....	48
4.3.2.1 Outras línguas e bilíngues na alternância de códigos.....	52
4.3.3 Bilinguismo: Mistura de códigos/Translinguagem e políticas linguísticas.....	54
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
6. REFERÊNCIAS.....	62

1. INTRODUÇÃO

Como estudante estrangeiro de nacionalidade chilena, enfrentei desafios comunicativos ao chegar ao Brasil para estudar na UNILA, no curso de Letras - espanhol e português como línguas estrangeiras (LEPLE). Desde minha chegada a Foz do Iguaçu, fui frequentemente advertido por professores, amigos brasileiros e outras pessoas sobre a importância de evitar o uso excessivo de Português.

Inicialmente, essa recomendação me deixou perplexo, porém, ao aprofundar meus conhecimentos nas áreas abordadas pelo meu curso, compreendi que muitas dessas advertências estão enraizadas em paradigmas e preconceitos linguísticos. Tais questões transcendem as fronteiras da linguística e se entrelaçam com políticas linguísticas, concepções de língua e fenômenos de contato entre línguas.

O percurso até conseguir entender isso viu-se marcado por diferentes momentos. No início da minha vida acadêmica, o português estava presente tanto na rua como na faculdade. No primeiro dia de aula, o professor da disciplina Fundamentos da América Latina não falava outra língua que não fosse o português, mesmo que a universidade fosse bilíngue. Contudo, o professor teve sempre o cuidado de preparar o material de leitura, contemplando textos em espanhol e português, mas todas suas explicações eram feitas em português.

Durante o primeiro semestre, dos 6 professores que deram aula para minha turma, só um era hispano falante, mas sua disciplina era fonética e fonologia, que é o mesmo que falar em chinês para nós. O professor de poéticas foi um caso especial, pois ele, além de falar só português, tinha um sotaque meio francês, o que às vezes tornava muito difícil compreender o que ele tentava explicar. Mas, com o decorrer do semestre, a minha compreensão melhorou, e finalmente foi graças a ele que aprendemos a pesquisar em plataformas e obter artigos para nossos primeiros passos na escrita científica.

Durante os dez semestres que dura o curso de Letras, só tive interação com, no máximo, três professores cuja língua materna era o espanhol, algo estranho para uma universidade bilíngue e, sobretudo, para um curso como o meu, que ensina espanhol e português como línguas estrangeiras. Durante muito tempo, eu me negava a falar em outra língua que não fosse a minha, mas, com o tempo, tive que dar o braço a torcer e começar a falar em português.

O contato contínuo dentro da faculdade com pessoas que só falam a

língua nacional fez com que, no interior da universidade, hoje não consiga interagir em espanhol, mesmo quando estou com pessoas de origem hispânica. Isso não é privativo de mim, pois muitos colegas, com o decorrer do tempo, têm perdido a capacidade de manter uma conversa só na língua espanhola. Em casa eu falo só espanhol, e em casas de amigos hispânicos também, mas por que não consigo o mesmo na faculdade? O que faz meu cérebro mudar o "switch" e me deixar falando em português?

Isso me levou a pensar que o contexto em que devo falar predispõe minhas línguas, ainda que com marcas do espanhol. Com o tempo e após cursar a maioria das disciplinas da área da linguística, onde eu me sinto confortável, tenho percebido que não consigo explicar questões básicas da linguística em outra língua que não seja o português, mesmo fora da faculdade, o que faz com que eu leve essa língua a contextos fora da universidade.

Mesmo eu querendo aprimorar meu português, considerando que moro no Brasil, trabalho com brasileiros e estudo com eles, nunca consegui chegar perto de um falante nativo. Minha escrita, em especial a acadêmica, mesmo eu conhecendo todas as regras e a maioria das palavras que vou utilizar, sempre apresenta traços do espanhol.

Na minha cabeça, eu pensava que o dia em que fosse trabalhar numa escola iria mudar o assunto, pois em escola se fala a língua padrão. Por isso, me inscrevi para estagiar na prefeitura e fui lotado na escola João Adão da Silva. Comecei meu estágio na turma do quinto ano, onde só tinha crianças brasileiras. Já no primeiro minuto, eles me disseram que eu falava inglês, pois meu português era muito ruim. Então, eu e o regente explicamos que eu era do Chile e que eles iriam me auxiliar a melhorar meu português.

Mas, com o passar dos dias, a presença de um professor estrangeiro foi notícia na escola, e muitas professoras me chamavam para dialogar com crianças vindas da Venezuela, Argentina e Paraguai. Isso fez com que, na escola, eu tivesse que constantemente me deslocar entre as duas línguas. Esse fato me levou a refletir que, mesmo a escola ficando a 15km do centro e das fronteiras, o contato do português e do espanhol estava muito mais interiorizado na região.

Minha vontade de melhorar o português ficou em segundo plano, pois, ao escutar as crianças dentro da escola brasileira, percebi que elas, assim como eu na minha chegada, estavam em constante conflito com as línguas, pois havia regras para cada lugar de fala e todos esperam que você fale como eles. Contudo, não

havia muito o que eu pudesse fazer desse lugar. Eu precisava aprofundar ainda mais meus conhecimentos e procurar eliminar meus preconceitos sobre as línguas para ajudar essas crianças. Este impulso de aprender sobre o contato de línguas me levou a voltar minha atenção ao Portunhol.

Com essa ideia, procurei realizar minha iniciação científica e, com a ajuda e orientação da Professora Dra. Valdilena Rammé, comecei a aprofundar neste fenômeno linguístico. O projeto foi “Gramática(s) do contato entre línguas: da intercompreensão ao portunhol”, onde a professora tentava conhecer se existem algumas regras gramaticais perceptíveis em sujeitos bilíngues da fronteira Foz do Iguaçu / Ciudad del Este.

Com um longo levantamento bibliográfico, onde não conseguimos dados sobre o Portunhol neste contexto fronteiriço, e várias entrevistas com sujeitos nascidos na fronteira, obtivemos como resultados preliminares que os sujeitos de Ciudad del Este utilizam as preposições “para”, “por” e “a” com as regras gramaticais do português padrão, o que era um sinal de que, em alguns casos, poderia existir uma estrutura gramatical para o portunhol.

Ainda que interessantes os resultados, eu ainda pensava mais nos sujeitos que na gramática ou na língua. Pois, finalmente, na minha experiência, eu falava portunhol, e eu não nasci na fronteira. Eu estudo e vivo aqui, e entendo que a língua é viva, em movimentação constante.

Quando chegou o momento de preparar meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), não hesitei em aprofundar minha investigação sobre o Portunhol, considerando minha experiência como sujeito bilíngue e minha participação prévia em pesquisas acadêmicas, através do projeto de iniciação científica. No entanto, deparei-me com a ausência de estudos abrangentes sobre o tema na UNILA.

Foi nesse ponto que meu orientador me apresentou os estudos de Paisagem Linguística, os quais se integravam de forma fluida com minhas áreas de interesse, incluindo as Políticas Linguísticas. Motivado por essas descobertas e com o desejo de realizar uma pesquisa autêntica e inovadora, decidi iniciar a primeira investigação sobre a presença do Portunhol na Paisagem Linguística da UNILA.

Considerando o contexto único da tríplice fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai, e as características distintas da UNILA em promover a integração latino-americana e o bilinguismo, a escolha da universidade se mostrou natural e estratégica para minha pesquisa.

Apesar do ambiente favorável para o estudo de fenômenos linguísticos

resultantes do contato entre línguas, observa-se uma lacuna significativa na análise das manifestações do Portunhol na UNILA e na tríplice fronteira. Esta pesquisa visa preencher essa lacuna ao investigar um fenômeno linguisticamente relevante e socialmente significativo, contribuindo para o avanço do conhecimento nessa área.

Baseada em estudos prévios sobre o Portunhol em outras regiões de fronteira e na abordagem da Paisagem Linguística, esta pesquisa se propõe a oferecer definições do fenômeno e a explorar suas características por meio da análise de registros fotográficos.

Dessa forma, o objetivo da pesquisa é proporcionar uma definição ou possíveis definições sobre o Portunhol na Paisagem Linguística da UNILA. Assim como seus objetivos específicos de: realizar estudos sobre as características da Paisagem Linguística, analisar os fenômenos de mistura de línguas com foco no Portunhol, contribuir para a compreensão dos fenômenos linguísticos na UNILA e preencher lacunas de pesquisa relacionadas ao tema.

Para dar cumprimento à isso, a pergunta que guiou toda a pesquisa foi: De que maneiras o Portunhol se manifesta na Paisagem Linguística (PL) da UNILA? e cuja hipótese, baseada nos conhecimentos prévios e no instinto deste pesquisador, é que na PL da UNILA, o Portunhol se manifestará como uma mistura livre do espanhol e português, onde os falantes ajustam seu discurso de acordo com sua intenção comunicativa.

Mas para validar esta hipótese e dar uma resposta conclusiva a esta questão inicial, com apoio de meu orientador, delimitamos perguntas auxiliares, as quais são:

- Quais são as línguas presentes na PL da UNILA?
- Quais agentes estão por trás de cada objeto linguístico da PL e quais políticas linguísticas representam?
- Quais teorias podem explicar ou se aproximar do fenômeno do Portunhol na PL da UNILA?

Em consideração ao exposto, a presente monografia será apresentada da seguinte forma: Além da Introdução no capítulo 1, no capítulo 2, denominado “Referencial Teórico”, será feita uma apresentação de todas as teorias que embasaram a pesquisa, divididas em subcapítulos, juntamente com as escolhas teóricas que sustentarão a análise da Paisagem Linguística da UNILA. O Capítulo 3, intitulado “Metodologia”, abordará as escolhas metodológicas adotadas, abrangendo tanto a vertente quantitativa quanto a documental, além da metodologia específica

da Paisagem Linguística. Será descrito o percurso metodológico seguido para alcançar os objetivos propostos. No capítulo 4, intitulado “Análise de dados e resultados”, serão apresentadas as análises do corpus, construído a partir de registros fotográficos obtidos da Paisagem Linguística da universidade, seguindo os pressupostos metodológicos definidos no capítulo anterior. Por fim, o capítulo 5 trará as reflexões decorrentes da pesquisa, juntamente com as considerações finais.

Como foi advertido acima, eu sou estrangeiro e optei por escrever em português, mas tomei a livre decisão de não submeter este trabalho à revisão de língua, pois considero que, e o mais provável que muitos, alguns traços do espanhol nele, são parte da minha identidade como sujeito bilíngue. Assim, considero que, em um trabalho que aborda o Portunhol, é inevitável que ele surja. Claramente, o juízo irá cair sobre o leitor, seus paradigmas, seus preconceitos e suas ideologias por trás da língua e da linguagem. Mesmo assim, considero que nenhum trabalho pode ser censurado ou criticado por sua escrita, pois, finalmente, ao eliminar os traços de identidade, elimina-se a natureza e identidade do sujeito.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A dinâmica das línguas e suas manifestações na sociedade contemporânea são objetos de estudo cada vez mais relevantes. Diversos trabalhos têm observado a mutabilidade das línguas e os fenômenos que se apresentam quando duas ou mais línguas entram em contato.

Por séculos, o português e o espanhol têm convivido nas fronteiras da Europa, mantendo um contato contínuo e ininterrupto. Ao serem as duas línguas filhas do Latim vulgar, compartilham além das fronteiras, uma história e evolução mais ou menos similar.

Na América, esta relação de vizinhança voltou a estar presente com a chegada dos espanhóis a grande parte do continente e dos portugueses ao Brasil. Atualmente, o Brasil compartilha grande parte de suas fronteiras com países de fala hispânica, o que favorece um contato contínuo.

No contexto acadêmico, as instituições de ensino superior não apenas refletem, mas também contribuem para a riqueza e diversidade linguística. Nessa esteira, a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), por sua própria natureza multicultural, bilíngue (multilíngue) e internacional, apresenta características indiscutíveis para a observação, registro e análises de fenômenos linguísticos, onde diferentes línguas coexistem e interagem.

Tendo em consideração este rico cenário, é evidente pressupor a presença marcante do Portunhol, uma forma híbrida de comunicação que emerge na confluência das línguas portuguesa e espanhola. Diversos autores têm observado a presença deste fenômeno quando as duas línguas entram em contato como por exemplo Rona (1965); Elizaincín (1987); Lipski (2009 e 2011); Sturza (2004, 2009 e 2019); Rammé (2023); Chinellato-Díaz, (2021), entre outros.

O Portunhol não é apenas uma expressão linguística casual, mas um fenômeno que desafia as fronteiras tradicionais entre línguas e reflete as complexas interações culturais na região latino-americana. Por isso, no decorrer deste Capítulo, irá aprofundar-se sobre este particular fenômeno, com o intuito de conhecer as suas manifestações em outros cenários.

Após essa imersão no Portunhol, propõe-se um aprofundamento na área da Paisagem Linguística, e as vantagens de utilizar este tipo de observação e análise que proporciona aos estudos sobre a presença das línguas no entorno, as

suas relações e a importância destas para a comunidade, e sem lugar a dúvidas os fenômenos que refletem.

A Paisagem Linguística (PL), será mapa da presença, ou não, das línguas. Mas os dados obtidos deverão ser analisados sob ao menos duas lentes, por isso, na sequência, irá adentrar-se em alguns aspectos das teorias sobre Políticas Linguísticas inclusas na teoria dos estudos da PL. O objetivo é entender como e por que as línguas estão sendo representadas.

Para finalizar, abordara-se três estratégias de comunicação que os sujeitos bilíngues utilizam ao se depararem com contextos linguísticos em que há a presença de duas ou mais línguas. Mesmo que estas sejam conflitantes teoricamente, serão de relevância na hora de analisar a Paisagem Linguística.

2.1 PORTUNHOL

“Miña lingua le saca la lengua al dicionário –
baila um pagode ensima dus mapa – i fas
com a túnica i a moña uma cometa – pra
voar, livre i solta pelu seu.”

(Severo, 2017, n. 10)

Os estudos sobre Portunhol não são recentes na América-Latina, Rona (1965) em seus trabalhos já evidenciava a presença de um hibridismo linguístico ocasionado pelo contexto de fronteira entre Brasil e Uruguai. Do mesmo modo, diversos autores têm observado, registrado, analisado e descrito o fenômeno Portunhol, entres esses autores se destacam trabalhos como os de Elizaincín et al. (1987), Lipski (2009, 2011), Sturza (2006, 2019a, 2019b), entre outros.

O fragmento em epígrafe corresponde ao décimo poema (poema des) do livro Noite nu norte, de Fabian Severo. No qual observa-se uma linguagem diferente, que mistura aspectos de dois idiomas: o espanhol e o português. Como veremos mais adiante, na verdade, é uma manifestação artística que representa uma das perspectivas sobre o Portunhol.

Não existe só uma forma de portunhol, como foi antecipado, nas próximas linhas detalha-se quatro (4) formas de manifestação deste fenômeno. Para isso utiliza-se como fonte principal o texto “Portunhol: língua, história e política”, da

pesquisadora Eliana Sturza (2019b), em diálogo com diversos autores, para finalmente apresentar o entendimento que este trabalho utilizará na análise final.

2.1.1 Portunhol: língua étnica.

Inicialmente o Portunhol é definido como uma língua resultante do contato linguístico entre o Português e o Espanhol e é identificada como uma língua de contato, mas também como uma língua étnica de falantes de comunidades fronteiriças da região norte do Uruguai com o extremo sul do Brasil (Sturza, 2019b, p. 95).

Com relação ao Portunhol uruguaio (Elizaincín; Behares; Barrios, 1987; Rona, 1965), seria uma perspectiva mais consolidada, haja vista representar um fenômeno linguístico com características historicamente compartilhadas por uma comunidade localizada no norte de um país, o Uruguai.

Esta manifestação do Portunhol representa um escopo territorial definido pelas fronteiras entre Brasil e Uruguai, demonstrando a relação dos sujeitos fronteiriços com as línguas e as políticas linguísticas desse território. Ainda que se trate de uma das mais documentadas, os diversos fatores que envolvem o fenômeno Portunhol uruguaio, não possibilitam a ampliação do conceito ao contexto da Unila, considerando a alta heterogeneidade linguística, ao confluir diversas variedades do espanhol, assim como do português e à rotação dos membros da comunidade acadêmica, contraposta a estaticidade linguística e de sujeitos nas regiões fronteiriças do Uruguai e Brasil.

A seguir uma breve revisão de uma segunda manifestação do Portunhol, desta vez da mão dos movimentos literários e de resistência.

2.1.2 Portunhol Selvagem: entre letras e o imaginário.

No que concerne à perspectiva do Portunhol Selvagem, destacamos obras como *Mar Paraguayo* (Bueno, 1992) e *Noite nu norte* (Severo, 2017), exemplos que utilizam a perspectiva estilística como expressão de resistência por meio da manifestação cultural, com vistas a romper com padrões estilísticos, linguísticos e geopolíticos (Teixeira, no prelo). Dessa forma, “[...] pode-se dizer que ele tem vitalidade na escrita literária e tem como componente uma outra língua, o

guarani. [...] Ele tem uma gramática inventada, servindo ao texto literário como recurso estético-linguístico” (Sturza, 2019b, p. 112).

A visão dos autores que utilizam o Portunhol como estilo de escrita, pode ser entendida, além do descrito pelos autores, como uma forma de se aproximar de outros sujeitos bilíngues. Por exemplo, Wilson Bueno nasceu na cidade brasileira de Curitiba, longe de qualquer fronteira com países hispano falantes, porém, utiliza o Portunhol para se conectar com outro público além do brasileiro.

Outro exemplo é o livro infantil editado pela Professora Dra. Jorgelina Tallei (2021) pesquisadora do Portunhol, “A língua de todos e a língua de cada”, o qual aborda a língua como identidade dos sujeitos. Porém, ele é uma criação artística, obedecendo aos princípios do Portunhol selvagem, criando uma gramática e lexicografia só disponível no contexto do livro.

De tal maneira como na primeira “definição” do Portunhol, o Portunhol Selvagem encontra-se limitado a um contexto específico e delimitado às normas criadas pelo autor.

As próximas duas conceituações do fenômeno Portunhol, possuem algum grau de liberdade em relação a suas definições e características, mesmo que com alguns debates teóricos.

2.1.3 Portunhol Interlíngua: Contexto de aprendizagem e/ou aquisição.

Antes de iniciar esta seção com o intuito de ampliar o debate sobre esta denominação do Portunhol Interlíngua, é preciso apresentar dois conceitos, ainda que de maneira superficial, a diferença entre aprendizagem e aquisição da língua, ainda que possa ser um tema controverso.

No caso de aquisição, entende-se como um processo natural de assimilação da língua, seja por imersão cultural, caso frequente nos migrantes que saem de seus países a outros com uma língua distinta, ou por afinidade linguística, exemplo alguns jovens que têm gosto por músicas em outros idiomas tendem a adquirir léxico, sintaxes das línguas que escutam. A aquisição não só é própria das línguas estrangeiras, dado que a língua materna (ou L1) se adquire de maneira natural.

Já o conceito aprendizagem, pode ser entendido como a aprendizagem formal da língua, onde o sujeito procura instrução qualificada para aprender a língua objeto. Exemplo amplamente conhecido são as escolas de línguas, onde o

estudante tem um professor (ou instrutor) que o guia na língua meta. A aprendizagem, também, não é própria das línguas estrangeiras, posto que as maiorias das disciplinas da escola ou faculdade são aprendidas nestes métodos, inclusive a língua materna é, em certa forma, aprendida (e aperfeiçoada) na instrução educativa.

Krashen (1985), argumenta que o conceito de aquisição se encontra relacionado com a naturalidade, semelhante ao processo com o qual as crianças adquirem sua língua materna, onde o sujeito precisa uma interação significativa com a língua meta. Em contraposição, a aprendizagem está estreitamente relacionada com processo artificial onde o sujeito é consciente de seu aprendizado, e está auxiliado pela correção de erros e apresentação formal das regras da língua.

Resolvido esse ponto, o Portunhol Interlíngua, o qual poderia se entender restrito ao contexto de ensino formal, de acordo com Sturza (2019b) poderia ser entendido em “relação com o processo de aprendizagem, (que) remete a uma fase instável do aprendiz na qual ele ainda mistura as duas línguas, português e/ou espanhol como línguas estrangeiras” (Sturza, 2019b, p. 110).

Ainda que esta concepção seja a mais popular e aceita, existem autores como Morales (2016) e Rammé (2023), que têm alertado sobre a necessidade de repensar esta abordagem, atendendo que não necessariamente é só no processo de aprendizagem formal que o sujeito poderia utilizar o Portunhol como interlíngua, pelo contrário, no processo de aquisição informal da língua, o uso do Portunhol tem as características semelhantes.

[...]temos diferentes fenômenos que podem ser unificados sob o conceito de interlíngua. Entende-se que, em todos esses contextos, falantes inicialmente monolíngues acionam suas gramáticas maternas e a gramática da interlíngua para se adaptar à necessidade de comunicação, amparados pela proximidade linguística e pela compreensão parcial da outra língua. Visando observar em que medida as gramáticas tão próximas do português e do espanhol favorecem a emergência da interlíngua. (Rammé, 2023, p. 223)

Ainda que seja interessante a proposta das autoras, precisa ser discutida e “aceita” pela comunidade acadêmica. Por exemplo, Teixeira (no prelo), afirma que a perspectiva que considera o Portunhol uma interlíngua é, provavelmente, a mais popular no Brasil e assume uma concepção negativa desse fenômeno de contato linguístico entre o português e o espanhol.

Segundo o investigador, para muitos estudantes de Espanhol no Brasil, o espanhol é o que se chama de ‘português mal falado’ - ou de ‘español mal hablado’ no caso de hispânicos que estudam o Português. Dessa forma, revela uma acepção preconceituosa, que considera o Portunhol uma prática linguística deficitária (Sturza, 2006).

Considerando proposta feita por Sturza, é evidente que a Unila ao ser uma instituição bilíngue, que proporciona instrução formal das línguas portuguesa e espanhola, no diz respeito a este trabalho, não é apropriado para ser utilizada para a análise da Paisagem linguística, tendo em vista que não se estamos analisando documentos de sala de aula ou material acadêmico produzido pelos estudantes.

No próximo espaço, iremos apresentar a última denominação feita por Sturza (2019b), a qual dado o escopo desta pesquisa, atende de maneira mais amplamente a possível presença do Portunhol na Paisagem linguística da Unila.

2.1.4 Portunhol como Interação Comunicativa (PIC)

Ao fazermos uma pré-análise da Paisagem linguística da Unila, observamos que na maioria dos casos o uso de estratégias comunicativas que envolviam o português e o espanhol, tinham, hipotética e preliminarmente, o objetivo de interagir com o receptor da mensagem. Ainda assim, é preciso deixar claro, que não houve interação com os autores dos elementos linguísticos da paisagem para confirmar esta hipótese, contudo, no capítulo referente à análise, nos aprofundaremos sobre isso.

Em decorrência do explicitado anteriormente, no âmbito desta pesquisa, podemos considerar a perspectiva de Portunhol Interação Comunicativa (PIC) a mais adequada dentro das quatro apresentadas, tomando em consideração sua origem em situações de contato linguístico em contextos mais amplos.

Podemos entender o PIC como um fenômeno diretamente relacionado ao repertório linguístico (Busch, 2012) de seus usuários, uma espécie de “[...] mistura particular que cada falante faz quando em contato com uma das duas línguas, usando-a, antes de tudo, para interagir, da maneira mais eficiente possível, em situações de necessária comunicação [...]” (Sturza, 2019b, p. 110).

No contexto da Paisagem Linguística da Unila, pode haver alternância entre os idiomas em contato durante o diálogo, fenômeno de *Code-switching* (Gumperz; Hymes, 1972; Vogt, 1954; Weinreich, 1979) (, e/ou, com destaque, a

mistura entre as línguas, fenômeno de *Code-mixing* (Bokamba, 1989; Di Sciullo; Muysken; Singh, 1986). Mas também, pode ser visto desde a perspectiva da translinguagem (*Translanguaging* em inglês) (García; Wei, 2014; Otheguy; García; Reid, 2019).

No que diz respeito a suas manifestações, desde a perspectiva do Portunhol interação comunicativa, Sturza argumenta que esta ideia de Portunhol, “também ocorre em publicidades, em panfletos, em programas de humor, comics entre outras textualidades. [...] importa a intenção de se comunicar, seu apelo pragmático e o funcionamento como um propulsor de interação” (Sturza, 2019b, p. 111). Não se limitando só a esfera da fala, senão, abrindo-se a expressões da escrita além da literatura.

Considerando a dinâmica das relações, os repertórios linguísticos e o processo de interação relacionado ao Portunhol, a perspectiva da translíngua pode ser considerada nessa como parte do “Portunhol Língua Comunicativa”. Pode, assim, ser usado para explicar as ocorrências do Portunhol na PL de um espaço de contato de línguas e culturas, haja vista que lança mão de “[...] múltiplas práticas discursivas que os bilíngues usam para dar sentido aos seus mundos bilíngues” (García, 2009, apud Scholl, 2020, p. 2).

Nessa direção, é que tomamos os argumentos apresentados por Chinellato-Díaz (2021), quem baseado em estudos sobre o Portunhol como fenômeno na Amazônia, aponta o seguinte:

“[...] pode servir como uma perspectiva a partir da qual questionar as hierarquias linguísticas construídas sócio-politicamente e que são em grande parte responsáveis pela invisibilidade e pelo desdém das práticas linguísticas de grande valor para as comunidades fronteiriças” (Chinellato-Díaz, 2021, p. 65 – tradução própria)

Apresentadas as quatro perspectivas propostas por Sturza (2019b) sobre o Portunhol, neste trabalho e como foi antecipado, a análise a ser apresentada mais à frente, atenderá os critérios da perspectiva do Portunhol como fenômeno de interação comunicativa. A continuação será apresentada as noções básicas do que constitui a Paisagem Linguística, assim como a abordagem teórica por trás deste campo de estudos.

2.2 PAISAGEM LINGUISTICA

A Unila como instituição localizada em uma região de fronteira e somando-se a isso sua constituição bilíngue, oferece-nos um espaço transfronteiriço em que circulam as línguas oficiais, o português e o espanhol e, também, outros idiomas que não possuem o mesmo status institucional oficial: o guarani, o crioulo haitiano, o inglês, o francês, línguas ameríndias etc. Tal como foi evidenciado por Muñoz (2016); Rammé (2022), entre outros autores.

Essa construção heterogênea faz com que, nos diferentes espaços da universidade, por onde circulam essas línguas, haja registro dela em cartazes, anúncios, placas etc. Ou seja, essas línguas deixam marcas na Paisagem da universidade, constituindo-se assim Paisagem Linguística Unileira.

O termo Paisagem Linguística (PL) pode ser definido em termos gerais, como o conjunto de objetos linguísticos e semióticos dentro da Paisagem Cultural, ou seja, registros verbais na modalidade escrita (linguísticos) ou sincréticos (semiótica visual) criados pelos seres humano e deixados como parte da paisagem local. Ainda que amplamente explorado em variados espaços, são poucos os trabalhos sobre PL na região da fronteira, e ainda menos com foco na Unila.

No artigo *Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality: an Empirical Study*, Landry e Bourhis (1997) definem que “[a] Paisagem Linguística refere-se à visibilidade e ao destaque das línguas em placas públicas e comerciais em um determinado território ou região” (Landry; Bourhis, 1997, p. 23) (tradução própria), sendo a primeira noção formal do conceito de PL.

Ao referir-se a essa visibilidade e destaque das línguas, podemos associá-lo às imagens que os artistas de ruas fazem para deixar uma mensagem, ainda que muitas vezes não contenham palavras (linguístico) é claro que a interpretação da imagem (semiótica visual) entrega uma informação, exemplo disso é o artista urbano britânico, Robbie Banks, mas conhecido como Banksy, quem tem realizado inúmeras intervenções artísticas públicas na paisagem urbana de Londres e outras cidades.

Continuando com a teoria da Paisagem Linguística, no mesmo texto de Landry e Bourhis (1997), os autores detalham que:

A linguagem das placas de sinalização de vias públicas, outdoors de publicidade, nomes de ruas, nomes de lugares, placas de lojas comerciais e placas públicas em prédios do governo se combinam para formar a paisagem linguística de um determinado território, região ou aglomeração urbana. A paisagem linguística de um território pode servir a duas funções

básicas: uma função informativa e uma função simbólica (Landry; Bourhis, 1997, p. 25) (tradução própria).

Como foi comentado na primeira parte deste trabalho, para encontrar evidências da presença do Portunhol na Unila, faz-se necessário olhar primeiro para as línguas que se manifestam nos espaços unileiros, assim como suas relações, contudo, ainda que a paisagem linguística se utilize também da semiótica visual, neste trabalho só nos enfocaremos na parte linguística. Nesse sentido, os estudos sobre PL oferecem ferramentas, teóricas e metodológicas, para conhecer o status das línguas, seus usos e os contextos, assim como a presença de possíveis fenômenos decorrentes de contato entre duas ou mais línguas.

Nesse sentido, é fundamental e de grande importância fazer estudos sobre todos os textos que se apresentam nos espaços, tal como fez Gorter (2006), considerando que esse estudo “é um indicador muito importante, capaz de fornecer informações relevantes sobre as sociedades, a vitalidade e a inter-relação dos grupos, especialmente em regiões com disputas linguísticas” (Shohamy; Gorter, 2008, p. 2) (tradução própria).

Da mesma forma que Huebner (2006) ao se referir aos elementos textuais visíveis em um determinado espaço, destaca que “Os tokens linguísticos servem para delinear as fronteiras geográficas e sociais desses bairros.” (Huebner, 2006, p. 32) (tradução própria). Toma-se neste trabalho, as fronteiras linguísticas na Unila, para observar essas linhas invisíveis que dividem uma língua da outra, assim como a forma que as línguas se inserem dentro das outras.

No interior da universidade circulam membros da comunidade universitária em suas individualidades – professores, técnicos em educação e estudantes, e, ainda, agentes institucionais da Unila, representando a instituição. Assim, a PL da Unila apresenta esses “*tokens* linguísticos” produzidos basicamente por dois grupos, com interesses distintos: a) o grupo que representa as políticas linguísticas institucionais de forma oficial, e b) o grupo que representa a comunidade universitária e, dessa forma, políticas linguísticas não oficiais em perspectiva mais democrática e glotopolítica.

Atendendo estes fundamentos e as características da Unila, apresentaram-se alguns aspectos que os estudos da PL, sobretudo na área das políticas linguísticas e seguidamente se abordaram algumas particularidades metodológicas propostas pelos estudos da PL, as quais irão a ser retomadas nos procedimentos metodológicos no próximo capítulo.

2.2.1 Paisagem Linguística e Políticas Linguísticas

Ainda que se tenha discutido de maneira particular os aspectos do conceito Políticas Linguísticas, mas à frente, dada sua estreita relação com os estudos e análise da paisagem linguística, brevemente incluiremos algumas considerações neste sentido.

Os estudos da área de PL contemplam sinais privados e públicos, os quais são definidos dentro da metodologia de pesquisa da área como *top-down* e *bottom-up*. Para Gorter (2006) é uma dimensão que aborda a distinção entre os sinais oficialmente instalados pelo governo ou por instituições correlatas e os sinais não oficiais que são colocados por empresas comerciais, organizações privadas ou indivíduos. Ben-Rafael (2006) desenvolve a seguinte explicação a respeito:

Uma característica importante da PL é que ela é composta de sinais “privados” e “públicos”: sinais emitidos por autoridades públicas (como governo, municípios ou agências públicas), por um lado, e sinais emitidos por indivíduos, associações ou empresas que agem de forma mais ou menos autônoma nos limites autorizados pelas regulamentações oficiais. (Ben-Rafael et al., 2006, p. 8) (tradução própria).

Com a ampliação dos estudos sobre PL, segundo Shohamy e Gorter (2008), “Começamos a olhar “de baixo para cima” e “de cima para baixo”, aqueles que são publicados por particulares, ou seja, lojistas, versus aqueles introduzidos por governos e grandes corporações” (Shohamy; Gorter, 2008, p. 3) (tradução própria), admitindo assim, o grande poder e a influência que a escrita tem sobre a humanidade. Coulmas (2008), em seu trabalho “*Linguistic Landscaping and the seed of the public sphere*”, oferece-nos exemplo disso, oferecendo um levantamento sobre a escrita em espaços públicos e seu impacto nas sociedades antigas, partindo do código Hamurabi até o Taj Mahal.

A nível local, isso representa um elemento importante para se observar as línguas registradas no espaço, pois aporta informações sobre as comunidades que circulam na universidade e suas relações com as línguas, o nível de domínio dessas línguas, entre outros aspectos. Ainda que o objeto deste estudo seja o Portunhol, as informações são de interesse para futuras pesquisas sobre a PL da Unila.

Acreditamos ainda que seja importante destacar que, segundo Coulmas (2008), a escrita incorpora a dialética do poder e da resistência.

Sendo uma ferramenta potente para garantir a autoridade institucional, também pode ser voltada contra os poderes constituídos e desafiar a autoridade. Para que a paisagem linguística seja estabelecida como um campo legítimo de investigação sociolinguística, esse duplo potencial da escrita em locais públicos tem de ser abordado. (Coulmas, 2008, p. 14) (tradução própria)

A PL e seu estudo, sem dúvida, oferecem um olhar interdisciplinar e, neste texto, tomamos considerações de duas áreas: a Sociolinguística e as Políticas Linguísticas.

No âmbito da Sociolinguística, o estudo da PL pode contribuir significativamente para pesquisas sobre mudanças linguísticas, misturas de línguas, novas regras linguísticas, novas ortografias, nova sintaxe, invenções de palavras, entre outros. Nesse sentido, Shohamy e Gorter (2008) manifestam o seguinte sobre a relação da Sociolinguística e os estudos da PL:

Os investigadores neste domínio [sociolinguística] assumem que a linguagem no ambiente não é arbitrária e aleatória, da mesma forma que os investigadores na aprendizagem de línguas não veem o fenómeno como aleatório; pelo contrário, existe um objetivo de compreender o sistema, as mensagens que ele transmite ou poderia transmitir, sobre sociedades, pessoas, economia, política, classe, identidades, multilinguismo, multimodalidades, formas de representação e fenómenos adicionais. (Shohamy & Gorter, 2008, p. 3) (tradução própria)

No outro campo de interesse para esta pesquisa, as Políticas Linguísticas, considerando a ecologia das línguas, o trabalho com a Paisagem Linguística pode oferecer uma análise no sentido da relação das línguas num espaço socialmente compartilhado. Berger e Lacheta (2019), no Brasil, e Huebner (2006), na Tailândia, apresentam as seguintes visões:

O campo da Paisagem Linguística (doravante PL) visa analisar a forma como as línguas se fazem presentes nos espaços de convívio social, sejam públicos ou privados, com vistas a depreender como se manifestam as relações de poder entre elas (ecologia das línguas) em espaços de visibilidade, bem como identificar políticas linguísticas (implícitas ou explícitas) que culminam na exposição ou marginalização de línguas (e mensagens nessas línguas) em dado território. ((Berger; Lecheta, 2019, p. 397).

Na medida em que os símbolos linguísticos são artefatos de um governo central, eles podem refletir as políticas linguísticas explícitas de um determinado estado. Nesse sentido, eles são marcadores de status e poder. [...] Outros artefatos linguísticos em um determinado cenário linguístico, por exemplo, placas e anúncios de empresas locais, avisos postados por indivíduos e outros símbolos produzidos localmente, são uma manifestação da política linguística secreta de uma comunidade e podem mostrar a

identidade cultural de base e as aspirações de seus membros. Juntos, eles oferecem uma janela para as relações de poder dentro da comunidade. Eles também fornecem evidências dos efeitos da globalização e do contato linguístico sobre os próprios idiomas. (Huebner, 2006, p. 32) (tradução própria).

A literatura oferece ainda muitos outros campos onde a PL pode cumprir um papel importante, “da linguística à geografia, educação, sociologia, política, estudos ambientais, semiótica, comunicação, arquitetura, planejamento urbano, alfabetização, linguistas aplicados e economia” (Shohamy & Gorter, 2008, p. 1) (tradução própria)¹³. O fato de se interessar por “o número de idiomas usados, quais idiomas estão nos sinais e as características específicas dos sinais bilíngues e multilíngue” (Gorter, 2006, p. 6) (tradução própria), atende o propósito final deste trabalho, de registrar e definir, na medida do possível, as características do Portunhol na Unila. Nesse sentido, a seguir, abordamos de forma breve esse tema.

2.2.2 Metodologias e abordagem da PL

Como temos apresentado até agora, a Paisagem Linguística tem amplas conexões com diversas disciplinas. Contudo, não é só essas conexões o que a faz uma forma completa para pesquisas na área da linguística. Ao ser uma disciplina de estudos, também possui características metodológicas particulares, por exemplo, seu sistema de classificação de elementos linguísticos, abordados previamente no apartado anterior, a forma de elaboração do corpus etc.

Nesta seção se apresentaram algumas características da metodologia deste campo de estudos, assim como os abordagem que se apresentaram ao largo da constituição destes estudos como disciplina, os quais serão retomados na forma de metodologia de pesquisa no capítulo seguinte.

Retomando o foco de estudo da Paisagem Linguística (PL), diversos autores no decorrer de suas pesquisas, têm utilizado o registro fotográfico dos elementos linguísticos (cartazes, anúncios, *outdoors* etc.), para a elaboração do corpus documental. Nesse sentido, o procedimento de fotografar o elemento serve como garantia de veracidade, aportando confiabilidade ao processo de coleta de dados.

Em equipes e armados com câmeras, eles fotografaram todas as placas em um determinado trecho da rua principal do bairro. Essas fotografias foram então analisadas quanto à sua origem, ao idioma ou idiomas usados e, no

caso de placas multilíngues, ao idioma dominante em cada placa. (Huebner, 2006, p. 6) (tradução própria)

Mas antes de começar com a captura fotográfica, os autores têm concordado com a necessidade de delimitar o espaço onde se realizará o levantamento. No caso de Ben-Rafael et al. (2006), a escolha dos locais para elaboração do corpus levou em consideração localidades judaicas e localidades israelenses/palestinas, por meio do conhecimento do local a ser analisado elaborou uma tabela com bairros e cidades a serem retratadas.

A definição dos limites da Paisagem linguística fornece ao pesquisador uma amostra representativa. Constituído o corpus, é prática comum dentro da área proceder com a codificação e classificação de cada um dos elementos obtidos. Dentro dos parâmetros para a classificação estão as línguas presentes, a categoria (de cima para baixo ou de baixo para cima), a referência geográfica, os fenômenos linguísticos presentes, enfim qualquer item que o pesquisador considerar relevante para apoiar as análises finais.

Adicionalmente ao processo classificação, autores como Ben-Rafael et al. (2006) tem usado o sistema de codificação de cada item, porém outras pesquisas têm se limitado só ao uso da classificação para a análise, caso de Huebner (2006).

Do mesmo modo que na metodologia, existe dentro dos estudos da paisagem linguística, diversas e variadas abordagens. Mas, não raro que a maioria das pesquisas utilizem uma abordagem mista, considerando elementos das políticas linguísticas e da sociolinguística, como foi evidenciado no apartado anterior.

Caso por exemplo o de Berger e Lecheta (2019), autoras que através das análises da PL de uma universidade procuravam revelar “questões políticas e socioculturais” (Berger; Lecheta, 2019, p. 396), utilizando como eixo norteador “(a) análise das relações de poder (FOUCAULT, 1979; 1995; 2010; 2014) no sentido de destacar o caráter de resistência dessas intervenções, ao se fazerem presentes em espaços em que se “normatiza” a higienização” (Berger; Lecheta, 2019, p. 396).

Outro exemplo de abordagem é o realizado por Huebner (2006) quem, na sua pesquisa, se preocupou por explorar casos de contato linguístico, hierarquias das línguas e misturas linguísticas na paisagem linguística do Bangcoc.

Considerando todos os elementos apresentados, a relevância que a disciplina aporta aos estudos linguísticos são evidentemente aptos para o objetivo deste trabalho, cujo foco é obter evidências da presença do Portunhol como estratégia de comunicação da comunidade acadêmica da Unila. No próximo

apartado discutiremos algumas questões relevantes sobre Políticas Linguísticas e sua relevância no campo dos fenômenos linguísticos.

2.3 ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO

Neste mundo tão globalizado é evidente que o ser humano tem desenvolvido diversas estratégias para alcançar seus objetivos. O desenvolvimento de novas tecnologias, trouxe consigo o surgimento de tradutores on-line, que por exemplo, apoiam a compreensão de textos em outras línguas. Mas no cotidiano, quando não se dispõe acesso às tecnologias, o que acontece? Esta pergunta tem múltiplas possíveis respostas, com tudo ao igual do desenvolvimento tecnológico, o ser humano durante toda sua história desenvolveu ferramentas e estratégias que estão hoje sobrepostas pela modernidade.

Quando não existiam os tradutores on-line, as pessoas de regiões próximas com línguas diferentes, se comunicavam de igual forma. O contato de pessoas e línguas é tão antigo como o ser humano na terra. Porém, é só com o surgimento da linguística moderna que cientistas da área têm prestado maior atenção ao contato das línguas.

Weinreich (1974), estabelece que duas ou mais línguas estarão em contato quando estas fossem usadas alternadamente pelas mesmas pessoas, ainda que esta afirmação seja controversa podemos estabelecê-la como o marco inicial as pesquisas que se interessam na temática. O mesmo autor irá apresentar uma definição para o conceito de bilinguismo, segundo o qual define como “A prática do uso alternado de duas línguas” (Weinreich, 1974, p. 15).

Em relação ao contato de línguas e o bilinguismo iremos a desenvolver os próximos apartado, apoiados de algumas das estratégias que os sujeitos bilíngues utilizam para alcançar uma comunicação efetiva. As estratégias serão, pela via da língua entendida como um código: *Code-Mixing* e *Code-Switching*; assim, como a língua entendida de maneira mais holística, atendendo as necessidades comunicativas dos sujeitos bilíngues: Translinguagem.

2.3.1 Contato de línguas e bilinguismo

As línguas, por se só não entram em contato, é preciso que os membros de dois ou mais comunidades linguísticas, se encontrem e compartilhem para que as

línguas confluem e se relacionem. Ainda bem, que isto parece uma obviedade, por muito tempo, a linguística ou para ser mais precisos os linguistas têm separado o sujeito da língua, isolando a línguas de aspectos culturais relevantes para a análise.

Isto fica demonstrado, nas diversas propostas sobre o bilinguismo, que vão desde o apresentado por Weinreich (1974), onde o bilinguismo é entendido como o uso alternado de duas (o mais) línguas, passando pelo entendimento de que o bilinguismo é o uso duas as mais línguas com domínio igual de um nativo (Bloomfield, 1933), até que o bilinguismo não está relacionado ao nível de conhecimento das línguas a serem usadas, senão a capacidade do sujeito para se desenvolver nas línguas (MacNamara, 1969). Todas estas propostas ancoradas na concepção da língua como um sistema estruturado e fixo, onde as línguas são constituídas de códigos separados e com estruturas diferentes (García; Wei, 2014).

Contudo, para fines de este trabalho, entende-se o Bilinguismo como a capacidade que tem o sujeito de se comunicar em línguas diferentes utilizando seu repertório linguístico para tais fins, aproximando-se mais ao proposto por Heye (2003, apud Aguilera; Busse, 2008), onde o bilinguismo corresponde ao domínio de duas ou mais línguas, onde o sujeito as utilizaria de maneira gradativa, em outras palavras, o uso das línguas estaria associado ao contexto comunicativo, ao interlocutor, aos objetivos comunicativos entre outros fatores.

Após isto, iniciaremos apresentando as diferentes possibilidades, segundo o entendimento de língua que possibilitariam o entendimento do fenômeno Portunhol na Paisagem Linguística da Unila. Começando com o *Code-Switching* e *Code-Mixing*, em uma perspectiva mais estruturalista, para concluir com uma visão pós-estruturalista, através da Translinguagem.

2.3.2 *Code-Switching*: Alternância (AC).

Como temos comentado inicialmente, o *Code-Switching* ou Alternância de Código, nasce do entendimento estruturalista que as línguas são códigos separados e possuem uma estrutura fixa. De acordo com Gumperz (1982) “Code switching pode ser definido como a justaposição dentro do mesmo discurso de trechos de fala pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais diferentes” (Gumperz, 1982, p 59) (tradução própria).

De acordo com Porto (2007), isto diz respeito à capacidade de um sujeito de se deslocar entre dois ou mais códigos durante o processo de interação. Cabe

ressaltar que o entendimento deste conceito tem evoluído em diferentes autores, porém para entendimento desta pesquisa utilizaremos a mais básica cunhada por Gumperz.

Nesse entendimento, é possível equiparar a Alternância de Código (AC) às traduções simultâneas das legendas dos filmes, onde é possível ouvir uma língua distinta àquela que se lê. Assim, é possível observar esta estratégia em discursos multilíngues, como os proferidos pelo Papa Francisco, onde na leitura de seus discursos, irá intercambiar as línguas com o objetivo de se aproximar a seus ouvintes.

Contudo, geralmente isto responde a nosso parecer, a um bilinguismo ficcional, onde se planeja o fato discursivo. No próximo apartado iremos analisar o *Code-Mixing* ou Mistura de Códigos, o qual se aproxima mais a uma naturalidade discursiva, porém sempre na esteira do estruturalismo.

2.3.3 *Code-Mixing*: Mistura de Códigos (MC).

Porto (2006) argumenta que:

A distinção entre os termos *code-switching* e *code-mixing* é controversa na literatura em línguas em contato. Ambos referem-se à justaposição de códigos lingüísticos dentro de uma mesma interação conversacional, mas muitos pesquisadores se dividem ao classificar estas práticas lingüísticas amparados numa descrição de bases sintático-gramaticais ou funcionais (Porto, 2006, p. 36).

Esta distinção se faz evidente observar o que Bokamba (1989) argumenta onde a Mistura de Código vá além da Mudança de Código, pois esta inclui:

a incorporação de várias unidades linguísticas, como afixos (morfemas ligados), palavras (morfemas não ligados), frases e orações de dois (sub)sistemas gramaticais distintos na mesma frase e evento de fala. Ou seja, a MC é uma comutação intrasentencial (Bokamba, 1989, p. 278) (tradução própria).

Ao analisar as diversas propostas trazidas sobre o Portunhol, é possível observar que o apontado por Bokamba, se aproxima e poderia dar sustento a uma explicação do fenômeno Portunhol. Com tudo, não é a única possibilidade plausível pois o MC é evidente em outros contextos, além da fala.

Estas aproximações que explicariam a ocorrência do Portunhol, estão ligadas a uma visão, como temos dito, estruturalista, onde o foco se ancora nas

estruturas dos códigos (línguas) português e espanhol, sejam elas lexicais, morfológicas, semânticas e assim por diante.

No próximo apartado iremos apresentar uma outra possibilidade de análise, a qual se embasa nos pressupostos pós-estruturalistas, nas quais a língua é observada de maneira holística, aproximando-se aos pressupostos trazidos pela escola bakhtiniana.

2.3.4 Translinguagem

Com o início dos estudos sociolinguísticos modernos, assim como da linguística aplicada crítica, é cada vez mais frequente se aproximar as quebras de velhos paradigmas que dizem respeito à língua. Por exemplo, é cada vez mais frequente referir-se mais ao conceito de linguagem, para englobar não só a fala e a escrita, senão o conjunto de processos contínuo que está sempre sendo criado na medida que se interage linguisticamente com o mundo.

Impulsionado através dos novos pensamentos críticos, o conceito que hoje se conhece como Translinguagem surge na metade da década dos noventa da mão do professor galês Cen Williams. Na atualidade, o conceito tem apresentado uma grande evolução, especialmente através do trabalho de linguistas como Canagarajah (2011), Garcia (2009, 2011, 2014), Garcia e Wei (2014), Otheguy, García e Reid (2019), entre outros.

De maneira muito concisa no conceito de Translinguagem se olham as línguas como unidades constitutivas do repertório linguístico do sujeito, ou seja, como unidades linguísticas iguais, e não como como códigos distintos paralelos, centrando-se no discurso e não nas línguas. Segundo o entendimento de Costa e Maciel (2021) é possível afirmar que “translinguagem é a maneira natural pela qual os bilíngues encontram modos criativos de se comunicarem e fazer sentido, escolhendo seu repertório linguístico mental” (Costa; Maciel, 2021, p. 2).

É possível que para muitos linguistas isto seja muito similar aos pressupostos de outras estratégias comunicativas como as mencionadas anteriormente neste mesmo capítulo, com tudo são os autores da Translinguagem os quais explicam essa possível confusão.

Translinguagem não se refere a duas línguas separadas, nem a uma síntese de diferentes práticas linguísticas ou a uma mistura híbrida. Pelo contrário, a translinguagem refere-se a novas práticas linguísticas que

tornam visível a complexidade das trocas linguísticas entre pessoas com histórias diferentes, e liberta histórias e entendimentos que tinham sido enterrados em identidades linguísticas fixas, limitadas por estados-nação (García; Wei, 2014, p. 21) (tradução própria).

A relevância de considerar e observar isto, faz sentido não hora de analisar contextos em que as línguas estão além de ser elementos estruturados, posto que como temos comentado anteriormente não é só a língua a que entra em contato, se não os sujeitos linguísticos que possuem suas tradições culturais, seus interesses, seus valores e assim por diante.

Outra consideração relevante, que tem sido questionada por linguistas de cunho estruturalistas é a similitude que a Translinguagem pode aparentar com o conceito de Mudança de Código, recentemente apresentado. Com tudo, a Translinguagem, como já foi explicitado anteriormente, está preocupada não com o código isolado como a MC e, mas não o deixa de fora. Os principais autores García e Wei apresentam o seguinte:

A translinguagem distingue-se da noção de *code-switching* na medida em que não se refere simplesmente a uma deslocação ou a um vaivém entre duas línguas, mas à construção e utilização pelos falantes de práticas discursivas originais e complexas inter-relacionadas que não podem ser facilmente atribuídas a uma ou outra definição tradicional de língua, mas que constituem o repertório linguístico completo dos falantes (García; Wei, 2014, p. 22) (tradução própria).

Para encerrar este apartado, é preciso destacar que a construção morfológica do conceito Translinguagem fornece um entendimento de suas possíveis ocorrências. Ao analisar o termo Translinguagem, é possível advertir o prefixo “Trans” o qual proporciona a noção de ir além de, mesmo que é utilizado por exemplo para nos referir aos espaços Transfronteiriços que é utilizado para sinalizar aqueles lugares que não são uma fronteira, porém possuem características similares.

Ao juntar este prefixo “Trans” ao conceito de linguagem, o qual foi explorado anteriormente, oferece-nos uma visão de observar além da linguagem. Em outras palavras, não só observar o fato comunicativo, mas bem observar o conjunto de eventos e ocorrências que envolvem a comunicação.

Nesse sentido, para os fins deste trabalho o Translinguagem é uma possibilidade real de análise do fenômeno linguístico Português no contexto da Paisagem Linguística da Unila, em consideração a todas as características que a universidade possui.

No próximo capítulo, se apresentará o percurso metodológico que foi

utilizado para a realização da pesquisa base deste trabalho, resgatando os pressupostos teóricos das diversas metodologias utilizadas nas pesquisas linguísticas, dos estudos da Paisagem Linguística e documentais.

3. METODOLOGIA

Este capítulo tem por objetivo apresentar a escolha metodológica, assim como o percurso metodológico utilizado para o desenvolvimento da pesquisa que origina este trabalho. Conforme o mencionado na seção introdutória, neste trabalho foram adotados diferentes procedimentos metodológicos sob o enfoque qualitativo os quais foram divididos em diversas etapas.

3.1 ESCOLHA METODOLÓGICA

Uma vez delimitadas às perguntas da pesquisa e em atendimento aos objetivos apresentados nela para responder estas perguntas, escolheu-se como fundamentos metodológicos as proporcionadas feitas por Bardin (2016), Fachin (2006), Flick (2013) e Gil (2013). Contudo, dada a natureza dos estudos da Paisagem Linguística, observou-se também os aportes, no âmbito de metodologia, apresentados pelos diversos autores da área da Paisagem Linguística e que foram apresentados no capítulo anterior.

Primeiramente, iniciaram-se os trabalhos por meio de pesquisa bibliográfica (Fachin, 2006) sobre as temáticas desenvolvidas neste trabalho, ou seja, antes de iniciar os trabalhos de levantamento do corpus, se revisou e fez leitura de textos variados sobre os temas a serem desenvolvidos tais como, artigos científicos, revistas da área, teses e dissertações, os quais serviram para cimentar e aprimorar o conhecimento teórico que sustentou a pesquisa. Segundo a autora, esta pesquisa bibliográfica corresponde a “[...] um conjunto de conhecimentos reunidos em obras de toda natureza. [Que] tem como finalidade conduzir o leitor à pesquisa de determinado assunto, proporcionando o saber [...]” (Fachin, 2006, p. 119).

Nesta esteira considera-se que a pesquisa bibliográfica é a coluna de toda a pesquisa, atendendo que é por meio desta que o pesquisador consegue ter um olhar mais amplo sobre determinado assunto. Nesse sentido, Fachin (2006), aponta que a busca em fontes bibliográficas representa uma rica fonte de conhecimento, proporcionando suporte intelectual e enriquecendo o entendimento cultural em diversas áreas do conhecimento.

Seguidamente e logo de avançado na pesquisa bibliográfica, iniciou-se a pesquisa documental nos termos de (Gil, 2013), segundo o autor:

A pesquisa documental assemelha-se muito a pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (Gil, 2013, p. 73).

Pesquisa documental realizada através do registro fotográfico (Flick, 2013) da PL da UNILA, tendo como local da pesquisa os campus Jardim Universitário (JU), Parque tecnológico Itaipu (PTI) e Campus Integração (CI). De acordo com Flick (2013):

Os dados visuais, tais como fotos, filmes e vídeos, tem atraído a atenção como documentos a serem utilizados na pesquisa [...] as câmeras podem ser usadas como instrumentos para a coleta de dados e as imagens podem ser produzidas para propósitos de pesquisa [...]. (Flick, 2013, p. 126)

Considerando o anterior, assim como os pressupostos metodológicos dos autores trabalhados na fundamentação teórica, a coleta de amostras de registros considerou diferentes gêneros, entre os quais destaca-se placas, cartazes e anúncios, os quais encontravam-se dispostos nos espaços da PL unileiro. Cabe neste momento mencionar que tais documentos muitas vezes correspondiam a elementos transitórios, o qual faz que as imagens coletadas, servem como acervo histórico da PL da Unila, assim como parte da memória linguística da instituição.

Para a pesquisa, foram registradas um total de XX fotografias as quais constituem o corpus da Paisagem Linguística dos espaços da UNILA, registros feitos pelo autor deste trabalho com o apoio do orientador do mesmo, entre os dias 5 de agosto de 2023 e 5 de abril de 2024.

Os critérios utilizados para tais efeitos se consideraram aqueles apontados por Ben-Rafael (2006); Coulmas (2008); Shohamy e Goter (2008), entre outros autores. Ditos critérios foram: 1) elementos escritos por agentes linguísticos não institucionais (*bottom-up*); 2) elementos linguísticos feitos pelos órgãos institucionais (*top-down*), e 3) elementos que apresentaram alguma das línguas oficiais da UNILA, espanhol ou português ou ambas. Vale ressaltar que se trata de um recorte espacial dentro do universo dos espaços unileiros; assim, considera-se que representa uma amostragem da realidade da PL da UNILA.

Com a constituição do corpus fotográfico efetuou-se, segundo Bardin (2016), os seguintes procedimentos: pré-análise dos elementos, exploração do material e tratamento dos resultados. No pré-análise, tal como indica o autor,

organizou-se o material coletado, assim como se escolheram aqueles documentos que atendessem os critérios antes mencionados, para concluir com a preparação deles, para sua codificação.

Para essa codificação, considerou-se as seguintes variáveis: A) Local de coleta, Agente Linguístico e Línguas presentes, e B) posição no acervo (sequência numérica). A seguir na tabela a composição dos códigos.

Tabela 1: Codificação objetos PL Unila.

ITEM	VARIÁVEL	CÓDIGO
Local de coleta	Jardim Universitário (JU)	J
	Campus Integração (CI)	C
	Parque Tecnológico (PTI)	P
Agente Linguístico	Órgãos institucionais (top-down)	T
	Agentes linguísticos não institucionais (bottom-up)	B
Línguas Presentes	Português (Monolíngue)	M1
	Espanhol (Monolíngue)	M2
	Ambas (Bilíngue)	B0
	Outras Línguas (Monolíngue)	O1
	Outras Línguas (Bilíngue)	O2
Posição Numérica	Número Natural de 1 até 1000	X (* x representa o número posicional)

Fonte: Elaboração do autor (2024)

Atendendo esses parâmetros, a modo de exemplo, se o primeiro registro fotográfico a ser explorado fosse obtido na PL do PTI, realizado por um órgão institucional em língua inglesa, o código de armazenamento seria 1-PTO1.

Com a codificação realizada de todos os elementos, procedeu-se à classificação deles observando principalmente as estratégias comunicativas apresentadas. Nessa esteira, agruparam-se os elementos de acordo com os critérios a seguir:

Tabela 2: Classificação dos Objetos da PL Unileira.

CRITÉRIO	DESCRIÇÃO	ESTRATÉGIAS POSSÍVEIS
Monolíngue	Apresenta só uma língua	- Monolinguismo
Bilíngue ou plurilíngue	Apresentam duas ou mais línguas	- Mistura de código; - Mudança de código; - Translanguagem.

Fonte: Elaboração do autor (2024)

Com estas etapas vencidas, deu-se início à análise dos elementos segundo sua classificação, vale ressaltar que mesmo os elementos antecipadamente foram codificados no decorrer da análise deles, estes foram organizados segundo sua classificação. Contudo, sendo apresentado como eixo de classificação principal os elementos linguísticos, uma segunda peneira foi utilizada, a qual diz relação às possíveis políticas linguísticas que os elementos pudessem representar. Políticas que podem ser objetificadas da seguinte maneira: explícitas ou implícitas e de cima para baixo ou de baixo para cima.

Atendido o objetivo deste capítulo, na sequência se apresentaram os resultados da análise, o qual se dividiu em distintas seções com o intuito de simplificar a leitura por parte dos leitores. Dada a dimensão e a quantidade de registros fotográficos, só se apresentaram alguns exemplos e suas possíveis leituras, porém ficará à disposição os meios de contato, por se algum pesquisador quisesse ter acesso ao acervo completo.

4. ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS

Como foi antecipado no capítulo de contextualização a UNILA visa ser uma universidade bilíngue, mas, o que é ser uma universidade bilíngue? E como isso se manifesta para alguém que está fora desse contexto? Primeiramente é preciso aclarar que existem várias vertentes teóricas que se centram no bilinguismo, tal como foi mencionado no referencial teórico. Com tudo, no caso específico da UNILA, de acordo com os documentos analisados na contextualização, o bilinguismo é entendido como o uso da língua espanhola e portuguesa de maneira simétrica.

O anterior é observável no nível institucional, mas nos corredores o que é bilinguismo? Pela experiência e como membro da comunidade, o bilinguismo se aproxima mais ao proposto por Heye (2003, apud Aguilera & Busse, 2008) onde o bilinguismo corresponde ao domínio de duas ou mais línguas, onde o sujeito as utilizaria de maneira gradativa, em outras palavras, o uso das línguas estaria associado ao contexto comunicativo, ao interlocutor, aos objetivos comunicativos entre outros fatores. Isto é de importante relevância pois historicamente o bilinguismo, ou mais especificamente o sujeito bilíngue, tem se compreendido como aquele que conhece, além de sua(s) língua(s) materna(s), duas as mais línguas e as usa como se fosse nativo dessa língua.

Nas próximas seções ira-se validar ou não o que os documentos oficiais (por parte da universidade) e o que a experiência como membro da comunidade é observável. Para isso e através da análise de dados obtidos, segundo apresentado na metodologia, apresenta-se alguns dados estatísticos, assim como exemplos que servem para 1) responder à pergunta orientadora desta pesquisa e 2) evidenciar a realidade linguística, através da Paisagem Linguística.

4.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS ESTADISTICOS.

Em atendimento aos objetivos da pesquisa e considerando o corpus total obtido a partir das fotografias dos elementos linguísticos, inseridos dentro da paisagem linguística da Unila, apresenta-se alguns dados estatísticos. Ainda que o cunho desta pesquisa é qualitativo, considera-se oportuno evidenciar a traves desta seção de caráter quantitativo dos resultados, além da análise individual dos elementos e o conjunto de dados totais, os quais aportarão a esta pesquisa um aprofundamento e uma solidificação analítica sobre os temas objeto deste trabalho.

A continuação apresenta-se a Tabela 3, onde é possível apreciar as línguas presentes na Paisagem Linguística, no período de execução da pesquisa.

Tabela 3: Línguas presentes na PL Unileira

	PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	OUTRAS LÍNGUAS	PORT/ESP.
Ocorrência	85	9	5	29

Fonte: acervo do autor (2024)

Tal como foi apontado por alguns pesquisadores que já fizeram algum tipo de levantamento na Unila, entre eles Munoz (2016) e Rammé (2022) entre outros, é possível observar que majoritariamente a língua representada nos elementos linguísticos da PL, corresponde ao português e em muita menor frequência observa-se o espanhol. As outras línguas observadas são o guarani, crioulo haitiano, tikuna e finalmente o inglês.

Na sequência apresenta-se a Tabela 4, onde os dados foram agrupados por campus, onde a maior quantidade de registros que foram obtidos, corresponde ao espaço denominado JU, seguido do CI e o menor registro corresponde ao PTI.

Tabela 4: Levantamento de línguas por campus

CAMPUS	PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	OUTRAS LÍNGUAS	PORT/ESP.
JU	47	6	1	19
CI	30	4	4	6
PTI	8	0	0	4

Fonte: acervo do autor (2024)

Uma das possíveis interpretações, sobre a complexidade para a obtenção de elementos linguísticos, diz direta relação às políticas de uso e apropriação dos espaços. Nesse sentido, o JU é um espaço onde confluem a maior quantidade membros da comunidade acadêmica e regem mínimas normas de intervenção na sua paisagem evidenciando seu fácil acesso. Caso contrário é a situação do PTI onde o espaço é administrado pela empresa binacional Itaipu, e onde existem restrições de uso do espaço, em favor de uma imagem mais “formal”. Além disso, no interior do PTI convivem outras instituições, além da Unila, como Unioeste,

Universidade Aberta do Brasil e o Colégio Sessi Internacional, o que faz que não exista uma fronteira clara de onde começa a paisagem de tal ou qual instituição.

No correspondente ao CI, observa-se que ao ser um espaço novo, tanto por infraestrutura como por administração, ainda está em desenvolvimento a instalação de painéis de comunicação, porém os membros da comunidade estão utilizando outros espaços para se comunicar, como o acontece no JU. Um fato relevante é existência de placas de sinalização instaladas pela instituição as quais possuem um formato padronizado, onde em alguns casos mistura a imagem com o Libras, ou português, espanhol e Libras, porém estas serão analisadas nas próximas seções.

Decorrente da análise, por campus, pode-se observar que ao igual que no panorama geral, o português é a língua hegemônica. Porém, é no PTI onde a presença desta encontra-se acompanhada do espanhol e do inglês, em equilíbrio, sendo-se manifesta em toda a sinalética institucional (própria do PTI). Tal como foi apontado anteriormente, a origem disto é provavelmente causado pela administração da Itaipu.

Na tabela 5, os dados são representados conforme ao agente linguístico do qual emana o recurso linguístico, assim como o campus de origem e as línguas representadas.

Tabela 5: Segmentação de Línguas por Campus/Agente Linguístico.

CAMPUS	AGENTE	ESP.	PORT.	PORT./ESP.	OUTRAS LING.
CI	Inst	1	17	4	2
	Não Inst	2	13	2	2
JU	Inst		15	3	
	Não Inst	6	32	16	1
PTI	Inst		5	1	
	Não Inst		3	4	

Fonte: acervo do autor (2024)

Evidente se faz os escopos que cada língua ocupa e o status destas. Exemplo relevante é que no espaço onde a língua espanhola tem maior presença, como língua única, é no campus JU. Nos outros espaços é só evidente em conjunto ao português. Além disso, é no mesmo JU onde a combinação bilingue

português/espanhol se apresenta com maior intensidade, mesmo assim somando o total de ocorrências onde o espanhol está presente, à presença do português continua sendo hegemônica.

Com a apresentação destes dados, os quais precisam de um tratamento muito mais aprofundado e um tratamento mais qualificado que o feito para esta pesquisa, espera-se que sirvam de base e norteador para o próximo análise. Na sequência, iniciaremos a apresentação dos exemplos selecionados onde se discutiram a possível presença do Portunhol, como também quais características possuem e quais possíveis estratégias comunicativas se encaixam.

4.2 INTRODUÇÃO AO DEBATE

A modo de introdução, aproveita-se de esclarecer que os dados apresentados correspondem a uma pequena amostra de um corpus delimitado, que representa a PL unileira. Ainda que não fosse especificado antecipadamente a quantidade de elementos linguísticos obtidos, não foi arbitrário, mas bem foi o que no período do levantamento documental encontra-se disponível. Adicionalmente, para evitar duplicidade de dados, todo elemento que fosse padronizado, foi observado como uma (1) unidade, isto se aplicou por exemplo as sinaléticas de sala de aula e espaços com nomes comuns (Cozinha, Banheiro, Bibliotecas).

Como exemplo, no campus PTI todas as sinaléticas possuem as mesmas línguas e características. No JU e no CI, todas as salas possuem o mesmo padrão de identificação.

Para organizar a apresentação e a análise, conforme mencionado anteriormente, dividiu-se os registros por categorias (Bardin, 2016), de acordo com o fenômeno de contato linguístico verificado e as possíveis políticas linguísticas representadas, as quais grosso modo, se definiriam em duas grandes categorias 1) políticas impostas pela institucionalidade; 2) as políticas da comunidade dos estudantes, professores etc. Nesse sentido e tal como temos antecipado, a nossa proposta se centra nos elementos produzidos pela comunidade (bottom-up) e os produzidos pela institucionalidade (top-down).

Durante o pré-análise, evidenciou-se a presença de alternância de códigos (*code-switching* em inglês), que de acordo com Porto (2007), foi cunhado por John Gumperz (1982) e diz relação a capacidade de um sujeito de se deslocar entre dois ou mais códigos durante o processo de interação, do qual como foi

indicado anteriormente, foi observado no nível mais básico, e com característica de intersentencial.

Outra evidência surgida, e presença da Mistura de códigos, tanto entre as línguas oficiais da Unila, como entre outras línguas, desta estratégia observa-se os pressupostos de Bokamba (1989), no com foco na presença em intrasentença. Com tudo, como visão oposta, em estes casos propõe-se serem observados desde um olhar mais amplo, e considerar as propostas epistemológicas referidas por García e Wei (2014) referente ao conceito de Translinguagem.

4.3 CARACTERÍSTICAS DA PAISAGEM LINGUÍSTICA DA UNILA.

A composição da Paisagem Linguística da Unila apresenta características que próprias de um espaço transfronteiriço, onde a confluência de diversas culturas e línguas que ficam de manifesto nos elementos constituintes do mosaico que se abre nos muros, portas, sinalética etc.

A presença do português como língua oficial, é amplamente observável tanto nos elementos aportados a PL por agentes não oficiais, como pelas instituições detentoras das políticas linguísticas. A segunda língua oficial o espanhol, ainda que tenha presença, ela se apresenta como subsidiária do português, em uma relação assimétrica, o que faz dela uma língua com um status inferior ao português.

Ainda que não sejam línguas oficiais nos termos da documentação, observa-se a presença de outras línguas “cooficiais”, como o crioulo haitiano, alguns casos de presença do guarani, em um caso muito específico o inglês.

Para o reflexo deste panorama, na sequência, irá apresentar-se alguns exemplos de como estas línguas estão sendo representadas, quais políticas linguísticas estão potencialmente por trás de estas representações e como o português se apresenta. Iniciara-se com o monolingüismo, o qual nas análises prévias parece estar contado em uma hegemonia do português, prosseguira-se pela apresentação da alternância de códigos, para finalizar com as duas teorias antagônicas para a mistura de códigos, uma da mão do estruturalismo e a outra da mão de uma visão holística do bilingüismo.

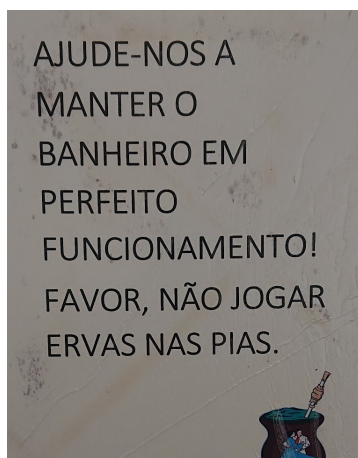
4.3.1 Monolingüismo e políticas linguísticas.

O Monolingüismo em português se apresenta na maioria dos elementos

observados, sendo a estratégia de comunicação mais utilizada pelos agentes linguísticos institucionais, ele é apresentado geralmente como o meio para transmitir informações como: avisos de oportunidade de bolsas, avisos de horários de funcionamento de repartições, normativas etc.

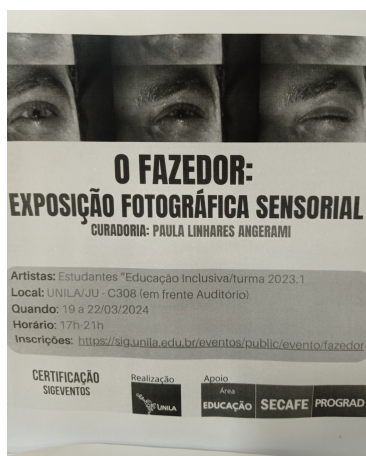
Na imagem Imagem 1: Placa banheiro (PTI) que se apresenta observa-se o papel que o português detenta, e como é utilizado, no seu status de língua oficial, para transmitir orientações. Dessa forma, na imagem Imagem 2: Cartaz exposição (CI) o português é utilizado pelos agentes institucionais para promover uma mostra fotográfica. Além dos dois exemplos anteriores, na imagem 3, é visível como o português é utilizado para definir e delimitar os espaços dentro da Unila sob sua gestão.

Imagem 1: Placa banheiro (PTI)



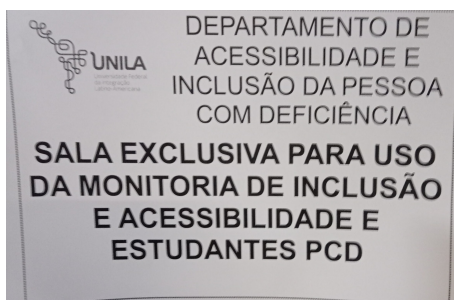
Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 2: Cartaz exposição (CI)



Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 3: Placa aviso (JU)



Fonte: Acervo Autor (2024)

Nestes três exemplos, obtidos nos distintos campuses, nota-se que o bilinguismo instituído na lei de criação da Universidade, assim como em outros documentos oficiais da universidade, é omitido deliberadamente. Ainda, que mais à frente aparecerão outros registros, estes exemplos se apresentam validando a hipótese de que existe uma hegemonia do português sobre outras línguas, assim como Muñoz (2016) e Rammé (2022) tem apontado em trabalhos anteriores sobre a Unila, desde uma perspectiva distinta. Assim, como uma evidente validação do monolinguismo, na forma de política linguística de cima para baixo por parte dos agentes institucionais.

Dentro do todo o corpus, não existe nenhum registro em espanhol emitido pela instituição. O único registro é uma tradução, o qual ao não ser um registro independente, pois está colado ao registro em português, não foi considerado como um texto monolíngue.

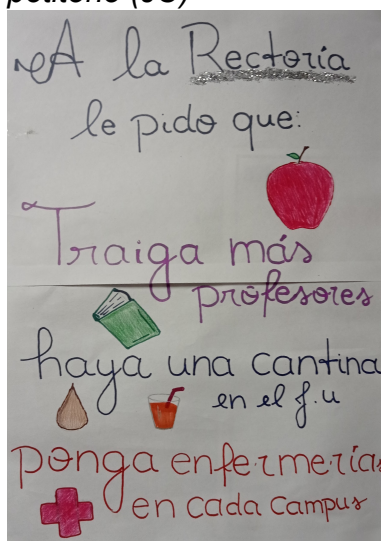
Se bem, a institucionalidade omite o espanhol nas suas intervenções, a comunidade acadêmica, ou seja, aqueles agentes não institucionais e que não tem controle das políticas linguísticas documentadas, tem intervindo a PL com intervenções em espanhol. Ditas intervenções são menos frequentes que em português, mas existem. Nos exemplos a seguir aprecia-se, a forma que a língua é utilizada.

Imagem 4: Grafite "Ni una menos" (JU)



Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 5: Cartaz petitorio (JU)



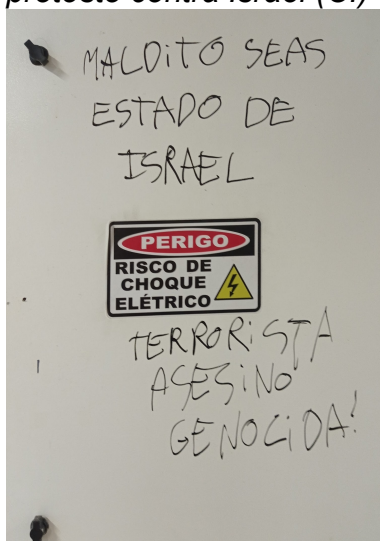
Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 6: Cartaz Jugos (JU)



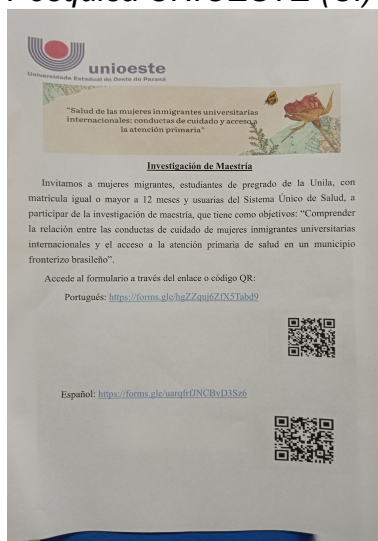
Fonte: Acervo Autor (2024)

*Imagem 7: Grafite
protesto contra Israel (CI)*



Fonte: Acervo Autor (2024)

*Imagem 8: Cartaz
Pesquisa UNIOESTE (CI)*



Fonte: Acervo Autor (2024)

Como foi antecipado, os 5 exemplos apresentam o espanhol como língua única e cuja finalidade é transmitir diversos discursos, nas imagens Imagem 4: Grafite "Ni una menos" (JU), Imagem 5: Cartaz petitorio (JU) e Imagem 7: Grafite protesto contra Israel (CI) observa-se seu uso como ferramenta de crítica, reivindicação ou reclamação, na imagem Imagem 6: Cartaz Jugos (JU) o objetivo é distinto já que é usada para publicitar produtos alimentícios. Como foi comentado, nos espaços da Unila confluem diversas pessoas e é por isso, que na imagem Imagem 8: Cartaz Pesquisa UNIOESTE (CI) observamos como membros da universidade Unioeste aportam à paisagem linguística trazendo um aviso em espanhol (língua não oficial da Unioeste), solicitando voluntários para participar de uma pesquisa.

Mesmo, não sendo o objeto desta pesquisa, parece interessante se questionar o que faz que membros de uma universidade vizinha que não tem a língua do espanhol como oficial, concorram até Unila e deixem seus avisos na língua hispânica, quais serão as motivações por traz disto? Ou é simplesmente o fato de que a Unila tem uma porcentagem significativo de estudantes hispano falantes que seriam o escopo de alguma pesquisa? Importante seria que outras pesquisas olhassem essa movimentação e veiam se é recíproco.

Ainda que existam registros em espanhol por parte da comunidade e estes representam uma PoL ascendente, ou seja, de baixo para cima, a maioria dos

documentos obtidos atendem ao monolinguismo em português em uma relação de 10 a 1.

Isto possibilita pelo menos duas interpretações opostas, a primeira diz respeito ao histórico linguístico do Brasil, por ser sede da Unila, que tem cultivado o monolinguismo como um paradigma inquebrantável, e que vai colonizando aos membros da comunidade, hegemonia da língua portuguesa. Por outro lado, existe a possibilidade, que o surgimento do espanhol signifique uma reivindicação da identidade e da língua da mesma comunidade hispano falante, que procura ganhar espaço dentro da PL unileira.

Ainda que ambas as interpretações sejam válidas, para com uma ou outra, é preciso observar a PL por um espaço de tempo maior, para constatar como evolui o panorama linguístico. Em relação a outras línguas, não existem registros monolinguísticos em outras línguas, porém nas próximas seções apresenta-se alguns exemplos de bilinguismo onde a língua majormente representada não é o português.

4.3.2 Bilinguismo: Alternância de código e políticas linguísticas.

O bilinguismo é parte fundamental na constituição da Unila, ainda como fosse demonstrado no apartado anterior que na PL o monolinguismo tem um papel protagonista, diversos atores se manifestam usando a estratégia de *code-switching* ou alternância de códigos para, em certa medida, o caráter bilíngue na universidade. Neste espaço se analisaram alguns exemplos de como o bilinguismo é apresentado, onde se faz evidente mais uma vez a hierarquia das línguas segundo o emissor do discurso. A sua vez, ficará de manifesto o entendimento de bilinguismo, acunhado por teóricos de ordem mais estruturalistas, sob o entendimento de que as línguas são códigos diferentes e estruturados.

Como foi manifestado, em outras oportunidades, entende-se que a alternância de códigos é apresentada como uma troca de códigos intersentencial, ou seja, logo após concluído um enunciado. Neste sentido, aproxima-se ao proposto por autores como Bloomfield (1933, apud Porto, 2006, p. 21) que defendem um bilinguismo no qual os sujeitos têm um controle das duas (ou mais) línguas como nativo. Ainda que esta perspectiva tenha sido rebatida por múltiplos linguistas e psicolinguistas, é impossível desconhecer a sua pertinência ao realizar uma análise de qualquer PL.

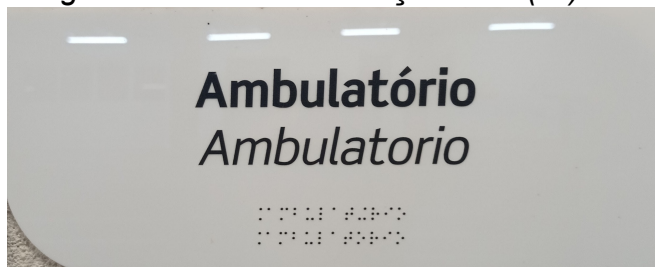
A continuação apresenta alguns exemplos que são apresentados na PL da Unila, primeiramente iniciaremos com as duas línguas oficiais (espanhol/português), mas também se apresenta alguns exemplos de outras línguas presentes. Tal como na seção anterior, a análise começará com os elementos dos agentes institucionais.

Imagem 9: Placa identificação Sala (JU)



Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 10: Placa Identificação Sala (CI)



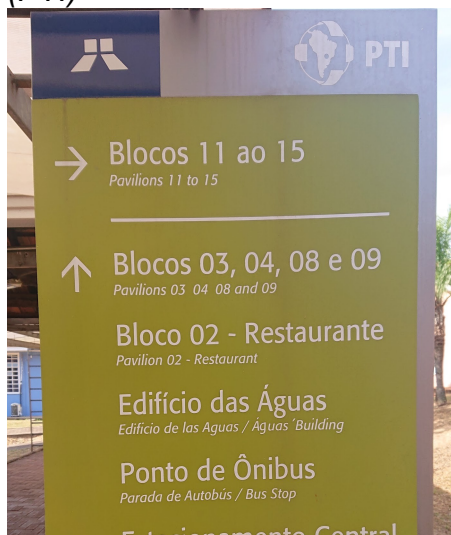
Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 11: Cartaz aviso Biblioteca (PTI)



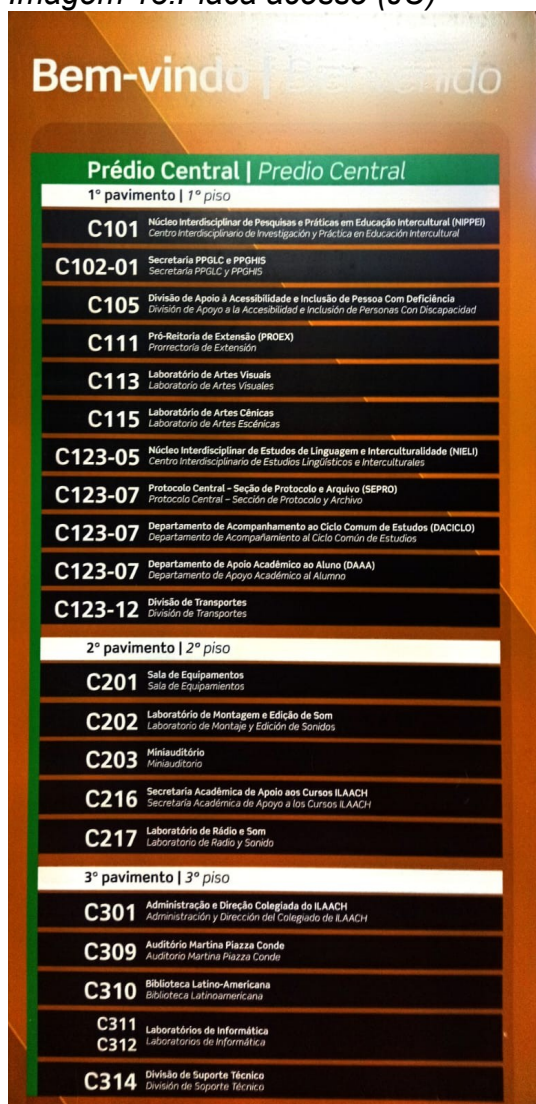
Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 12: Placa Orientação (PTI)



Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 13:Placa acesso (JU)



Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 14:Placa acesso Edunila (CI)



Fonte: Acervo Autor (2024)

Todos estes exemplos correspondem a elementos onde a política linguística por trás corresponde a top-down, de cima para baixo, o qual é reflexo do entendimento de que os detentores do controle linguístico, tem do que implica o bilinguismo.

Ao separar os códigos estes agentes, tendem a privilegiar a língua portuguesa, em segundo lugar o espanhol, no caso da imagem Imagem 10:Placa Identificação Sala (CI) e Imagem 12:Placa Orientação (PTI) possuem uma terceira língua, no primeiro é o sistema leitura braile e no segundo o inglês.

Nos exemplos a seguir corresponder aos que os membros da comunidade, ou seja, aqueles não institucionais, registram na PL unileira. A proporção varia de acordo com o campus, sendo o campus JU o qual tem a maior quantidade (16) de registros, em comparação aos 2 registros do CI e 1 registro em

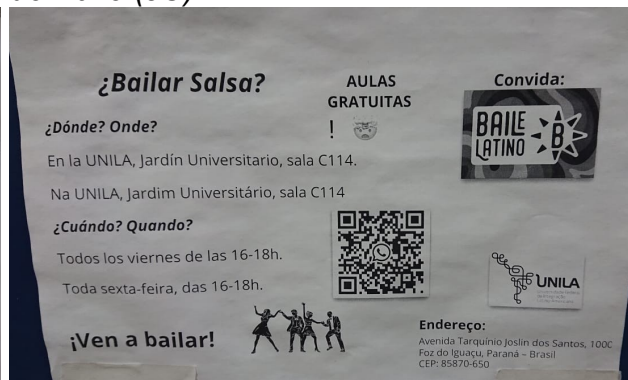
PTI. Estes elementos nos registros desta pesquisa são de maior quantidade, por representar documentos únicos, porém nos espaços da Unila, a existência de placas padronizadas da institucionalidade são uma grande maioria.

Imagem 15: Cartaz inscrição semana da Africa (JU)



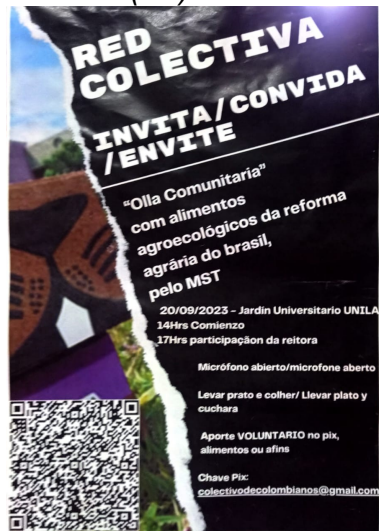
Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 16: Anúncio proj. extensão Aulas de Baile (JU)



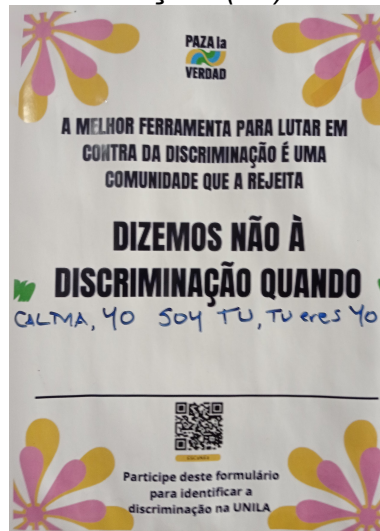
Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 17: Anúncio "Olla Común" (JU)



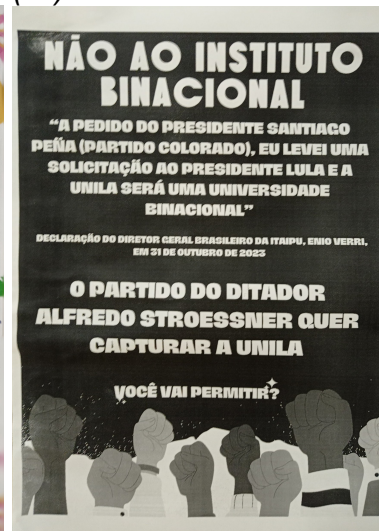
Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 18: Cartaz campanha "Não à discriminação" (JU)



Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 19: Cartaz "Não ao instituto binacional" (CI)



Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 20: Anúncio horário monitorias (CI)

HORÁRIOS	SEGUNDA/SEGUNDAS	TERÇA/MARTES	QUARTA/MIÉCOLES	QUINTA/QUIEVES	SEXTA/VIÉRIES
08:00 09:40	Carlos (Online) Débora (CI/PT) Andressa (PT)	Débora (CI/PT) Pilar (JU)	Pilar (JU) Ware (Online)	Débora (CI/PT)	Carlos (Online) Eugenio (JU) Ware (Online) Andressa (PT)
10:00 11:40	Carlos (CI) Débora (CI/PT) Eugenio (CI)	Alexis (PT) Débora (CI/PT) Pilar (JU)	Débora (CI/PT) Eugenio (JU) Pilar (JU)	Alexis (PT) Eugenio (CI/JU)	Alexis (PT) Carlos (Online) Ware (Online)
12:40 14:00	Andressa (PT) Carlos (CI) Ware (PT)	Eugenio (JU) Pilar (JU) Ware (PT)	Alexis (Online) Pilar (JU)	Andressa (PT) Eugenio (CI) Ware (PT)	Andressa (PT ou JU)
14:00 16:00	Andressa (JU)	Ware (JU)	Alexis (Online) Pilar (JU)	Andressa (PT ou JU) Eugenio (CI) Ware (JU)	Andressa (JU) Alexis (JU) Eugenio (CI ou JU)
16:30 18:30	Alexis (PT)	Ware (Online)	Alexis (JU) Ware (JU)	Andressa (Online) Ware (JU)	Círculo de Leitura: Bibliotecas Indígenas e Romagem acadêmica
19:00 21:00	Débora (Online) Carlos (Online) Eugenio (CI) Andressa (Online)	Carlos (Online) Eugenio (CI) Pilar (Online) Andressa (Online)	Alexis (Online) Eugenio (CI) Pilar (Online)	Carlos (Online) Débora (Online) Pilar (Online)	

Fonte: Acervo Autor (2024)

Observa-se nas imagens que nos exemplos Imagem 15: Cartaz inscrição semana da África (JU), Imagem 16: Anúncio proj. extensão Aulas de Baile (JU) e Imagem 17: Anúncio "Olla Común" (JU), a língua primária é o espanhol, a secundária o português. Nas imagens Imagem 15: Cartaz inscrição semana da África (JU) e Imagem 17: Anúncio "Olla Común" (JU), se apresenta uma terceira língua, o crioulo haitiano. As imagens Imagem 18: Cartaz campanha "Não à discriminação" (JU), Imagem 19: Cartaz "Não ao instituto binacional" (CI) e Imagem 20: Anúncio horário monitorias (CI), apresentam a língua portuguesa como principal. Nesse sentido, é possível perceber que para os membros da comunidade, não existe uma hierarquia das línguas tão evidente como nos agentes institucionais e isso é um espelho da heterogeneidade dos sujeitos que compõem a comunidade linguística. Aqui as políticas linguísticas associadas correspondem aquelas mais implícitas, as quais são formadas de baixo para cima.

Outra questão importante é o surgimento de outras línguas nos discursos tanto oficiais como não oficiais, nessas categorias é possível observar a presença do crioulo haitiano, o inglês, e o sistema de leitura braile. Isto, representa o sentido cada vez mais presente de uma comunidade plurilinguista em contraposição ao monolingüismo e ao bilingüismo tradicional.

Ao observar os pressupostos que regem o Portunhol, pode-se interpretar que este tipo de elementos não apresentam um Portunhol para fins comunicativos, dado que não se cumpre os critérios mínimos para que isto aconteça. A maioria dos autores concordam com que "O portunhol é uma mistura entre o português e o espanhol" (Morales, 2016, p. 3), mesmo assim, e tendo em consideração que o portunhol não tem uma gramática fixa, em estes casos refere-se mais que nada a uma estratégia própria do bilingüismo.

4.3.2.1 Outras línguas e bilingües na alternância de códigos.

Como o propósito deste trabalho é portunhol, até agora temos observado só aqueles elementos que possuem ambas as línguas, ou em alguns casos as duas línguas mais uma terceira língua. Contudo, é necessário evidenciar que não só estas línguas estão presentes como protagonistas da PL unileira. A continuação apresenta-se alguns exemplos que possuem outras línguas escritas ou semióticas.

Imagem 21: Cartaz demanda curso Serv. Social (JU)



Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 22: Placa banheiro (CI)



Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 23: Anúncio monitoria Crioulo haitiano (CI)

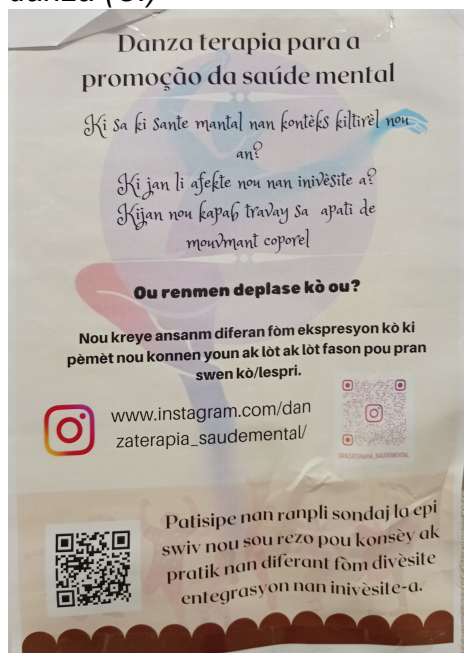
Programa de tutoria pou etidyan ayisyen
Programa de tutoria destinada a discentes haitianos

edtan sevis sou plas **2023-2** horários de atendimento presencial
 sal c-102 (Campus Jardim Universitário - JU) sala c-102 (Campus Jardim Universitário - JU)
 sal XXX / laboratório (Campus Integração - CI) sala de estar / laboratório (Campus Integração - CI)
 Quiosque central (PTI) Quiosque central (PTI)

	lendi segunda-feira	madi segunda-feira	mekredi terça-feira	iedi quarta-feira	vandredi quinta-feira	sandi sexta-feira
MATIN matem	10h-14h Marie (JU)	10h-14h Rose (JU) Paul (CI)	10h-14h Hans (JU) Sandrine (JU)	10h-14h Davidson (JU) Louvandjina (JU)	10h-14h Davidson (JU) Marie (JU)	
TARDE apre muli	12h-16h Dani (JU) 14h-18h Johny (JU) 14h-18h Roady (PTI)	12h-16h Marie (JU) 14h-18h Dani (JU)	15h-18h Johny (JU)	12h-16h Roady (PTI)	12h-16h Roady (PTI) 14h-18h Louvandjina e Johny (JU)	ativite espesyal yo piloliye sou awoup WhatsApp la https://link.ea.unila.br/monitoria tutorchaiti@gmail.com
NOITE mit	18h-21h Dani (JU) Rose (JU)	17h-21h Sandrine 18h-21h Rose (JU) Paul (CI)	18h-19h Johny (JU) 18h-21h Davidson (JU)	18h-21h Hans (CI) Louvandjina (JU)	17h-21h Sandrine (JU) 18h-20h Johny (JU) 18h-21h Hans (JU) Paul (JU)	

Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 24: Cartaz aulas de dança (CI)



Fonte: Acervo Autor (2024)

No âmbito do bilinguismo semiótico, o qual não aprofundaremos, a imagem Imagem 22: Placa banheiro (CI) apresenta um desenho de um homem e uma tradução ao sistema de leitura em braille, inserindo-se numa política institucional de integração. A imagem Imagem 21: Cartaz demanda curso Serv. Social (JU), encontra-se na língua Tikuna, com alguns trechos em português, o qual evidencia que as línguas indígenas, mesmo não oficiais na Unila, estão presentes. Já as imagens Imagem 23: Anúncio monitoria Crioulo haitiano (CI) e Imagem 24: Cartaz aulas de dança (CI), estão em crioulo haitiano, com algumas poucas intervenções em português.

Estas representações estão sendo produzidas tanto pela comunidade como pela instituição, e são resposta às demandas dos sujeitos que não tem como primeira língua o português ou espanhol. Isto representa como políticas linguísticas ascendentes, tensionam as tomadas de decisões e ocupam os espaços para demonstrar sua presença.

4.3.3 Bilinguismo: Mistura de códigos/Translinguagem e políticas linguísticas.

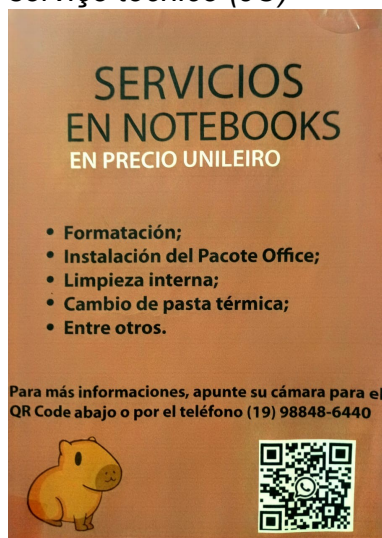
Nesta seção apresentaremos, outros exemplos que se constituem como exemplos do Portunhol, em esta ocasião observados desde a mistura de códigos dentro do mesmo enunciado. Com tudo, abra-se a análise a uma segunda

possibilidade oferecida pela teoria da translíngua.

Como foi discutido no referencial teórico, ambas análises apresentam uma concepção diferente de língua e por decorrência de bilinguismo. Na MC, o estruturalismo comanda o entendimento de língua como um código estruturado, é isonômico, enquanto o translíngua irá olhar não só a língua, mas também os fatores sociais, culturais, políticos, entre outros. Considera-se a translíngua como uma visão holística e estratégica no processo de comunicação, em contrapartida a Mistura de códigos, o qual tem sido historicamente considerada como errada na produção bilíngue, considerando a divisão de estruturas das línguas envolvidas. Com tudo, existem alguns teóricos que têm apresentado o *Code-mixing* como estratégia de comunicação (cf, Porto, 2007).

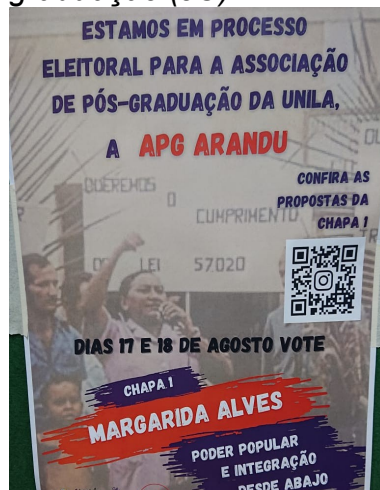
A continuação dos exemplos selecionados, os quais só se apresentaram no campus JU e foram produzidos por membros da comunidade:

Imagem 25: Anúncio serviço técnico (JU)



Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 26: Cartaz propaganda eleitoral post-graduação (JU)



Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 27: Grafite paralização estudantil (JU)



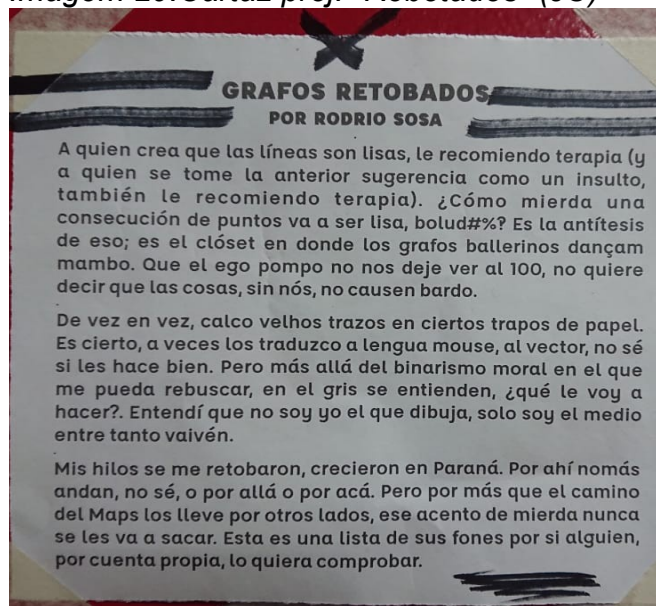
Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 28: Grafite
paralisação estudantil 2
(JU)



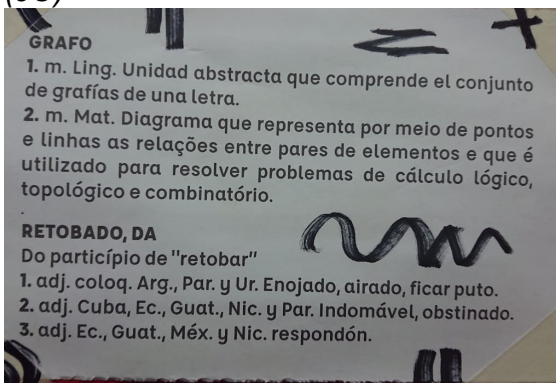
Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 29: Cartaz proj. "Rebotados" (JU)



Fonte: Acervo Autor (2024)

Imagem 30: Cartaz proj. "Rebotados" 2
(JU)



Fonte: Acervo Autor (2024)

A mistura das línguas, em estes exemplos se observa quando a língua principal é o espanhol, só no caso da imagem Imagem 26: Cartaz propaganda eleitoral post-graduação (JU) a língua predominante é o português. O qual pode significar que os autores destes elementos provenham de países hispano falantes. Estes elementos representam em sua totalidade, como já foi dito, elementos *bottom-up* que os membros da comunidade produziram.

Na imagem Imagem 25: Anúncio serviço técnico (JU), que é um anúncio de prestação de serviços, apresenta se esta mistura em três oportunidades: 1) O

enunciado “En precio unileiro” onde a morfologia da palavra “unileiro”, toma a forma do português, e não do espanhol “unilero”; 2) na frase “Instalación del Pacote Office”, onde a palavra escolhida é “pacote” (do português) e no “paquete” (do espanhol), com tudo no nível semântico a escolha de “pacote office”, também é uma mistura, dado que a forma comum no espanhol, seria de escrever “instalación de offices”, omitindo a palavra “paquete”; 3) Na seção da oração final, se lê “apunte su cámara para el qr code”, sendo que é mais comum no espanhol utilizar a tradução do inglês “código QR”.

Na imagem Imagem 26:Cartaz propaganda eleitoral post-graduação (JU), o cartaz corresponde a uma propaganda eleitoral para um dos programas de pós-graduação, o autor ou autores, na frase final escreve “Poder popular e integração desde Abajo” trazendo a palavra do léxico espanhol “abajo”, e não “abaixo” do léxico português, léxico que é utilizado no resto do anúncio.

Já as imagens Imagem 27:Grafite paralização estudantil (JU) e Imagem 28:Grafite paralização estudantil 2 (JU), estão inseridas no contexto da mobilização estudantil do mês de outubro de 2023, e constituem um discurso de protesto, contra o cenário atual da Unila. Em ditos elementos escritos em maioria em espanhol, surgem elementos lexicais da língua portuguesa como por exemplo o termo “aula” e “fome”, sendo que na norma do espanhol utilizar-se-ia “clase” e “hambre”.

Os exemplos apresentados nas imagens Imagem 29:Cartaz proj. "Rebotados" (JU) e Imagem 30:Cartaz proj. "Rebotados" 2 (JU), correspondem a um projeto de extensão, onde os autores apresentaram, dentro dos textos, algumas palavras na língua portuguesa como “velhos”, “fones”, no caso da imagem Imagem 29:Cartaz proj. "Rebotados" (JU), onde de evade as palavras “viejos” e “audifonos”. O caso da imagem Imagem 30:Cartaz proj. "Rebotados" 2 (JU), é uma mistura distinta, porque na primeira parte, o autor define o conceito “Grafo” e utiliza duas acepções do dicionário, a primeira em espanhol referente ao conceito na linguística e a segunda em português referente ao conceito na Matemática. Com tudo, não é essa a única mistura, pois tenta definir um segundo conceito “Rebotado, da” o qual na aparência todas as acepções provêm do espanhol, mas ao olhar em detalhe, a primeira acepção diz assim: “1. adj. colq. Arg., Par. y Ur. Enojado, airado, ficar puto”, percebe-se que o último item da lista é um conceito coloquial do português no Brasil, o qual é sinônimo aos conceitos anteriores em outros países.

Estes elementos representam o que Sturza (2019) denominou como Portunhol para fins, comunicativos, dado que os autores no afã de se aproximar ao

interlocutor, utilizaram uma mistura de língua para transmitir sua mensagem e se aproximar aos leitores.

Do ponto de vista mais estrutural, estas interações se enquadram na mistura de códigos, pois existe um código principal (espanhol ou português) e dentro da mesma sentença um elemento da outra língua. Este tipo de enunciados, geralmente associados ao bilinguismo, não possuem regras e podem-se apresentar em qualquer segmento da frase.

Em contrapartida, nos olhos dos teóricos da translinguagem, estas interações não só são causadas uso de duas ou mais línguas, dado que tem um propósito comunicativo, que não só observa as línguas em questão, mas também o contexto de produção, os sujeitos envolvidos, as políticas linguísticas explícitas e implícitas, o sujeito emissor e seu lugar de fala etc.

García e Wei (2014), afirmam o seguinte:

A translinguagem difere da noção de troca de código porque se refere não simplesmente a uma mudança ou transporte entre duas línguas, mas à construção e ao uso pelos falantes de práticas discursivas originais e complexas inter-relacionadas que não podem ser facilmente atribuídas a uma ou outra língua tradicional. definição de uma língua, mas que constituem o repertório linguístico completo dos falantes. (García; Wei, 2014, p. 22)

Ao não só olhar os códigos separados, se não, abrisse a alternativas, possibilitam brindar um maior sentido a este tipo de fenômenos linguísticos. Isto na esfera do Portunhol, válida a intenção comunicativa dos sujeitos, isto se reafirma ao observar os exemplos, que fora da análise estrutural, podem ser analisados com outros olhos.

Como amostra do anterior, podemos ponderar a imagem 25 com a intenção de aproximar a promoção dos serviços técnicos de notebook, a pessoas que conhecem o espanhol, mas com a troca de alguns conceitos facilitaria ainda mais o acercamento ao público objeto.

Outra possibilidade se abre também nas imagens 27 e 28, já que ao observar os discursos, todas as palavras em espanhol, possuem um similar no português que não requerem muita explicação, porém as palavras “clase” e “hambre”, possuem outro significado ou não existem na língua portuguesa, e o autor pode ter escolhido essas palavras (“aula” e “fome”) para que seu discurso fosse compreendido de maneira mais fluida e sem a necessidade de maior explicação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a finalização da pesquisa apresentada neste trabalho e com a tentativa de esboçar algumas considerações que servem de fechamento de um ciclo, é preciso retomar as perguntas que nortearam todo este trabalho, sendo a principal delas: De que maneiras o portunhol se manifesta na Paisagem Linguística (PL) da UNILA?

Para dar resposta a esta pergunta, foi preciso se perguntar, quais são as línguas presentes na PL da Unila? Quais agentes estão por trás de cada objeto linguístico da PL e quais políticas linguísticas representam? e por último, quais teorias podem responder ou se aproximar ao Portunhol da PL unileira?.

Neste sentido, é pertinente afirmar que cada uma das perguntas subsidiárias foi respondida, através de exemplos e análises concretos. Como amostra disto, durante a pesquisa, foi observado que não só o português e o espanhol disputam um lugar na PL da Unila, existe evidência que outras línguas estão sendo manifestas, como o crioulo haitiano, o inglês, algumas línguas indígenas e o sistema de leitura braile.

Mesmo que exista grande variedade de línguas presentes na Unila, é de estranhar a ausência de outras línguas que circulam na cidade. É conhecida a numerosa comunidade árabe que mora nesta região, onde temos inclusos alguns bairros quase exclusivos para este grupo étnico. Mas nos registros da PL unileira a língua árabe, está ausente do mesmo modo que as línguas japonesa e chinesa, que também tem presença na região. Isso, traz um convite a outros pesquisadores a questionar-se por que essas línguas não têm presença na Unila, será que eles não conseguem se manifestar na PL? Ou não tem acesso à universidade?

Isto nos leva a segunda pergunta que pretendia conhecer quais agentes e quais PoL estão por trás dessas línguas. Onde constatou-se, em concordância com pesquisas anteriores sobre as línguas da Unila, que o monolinguismo em português é predominante, e ele é impulsionado na grande maioria dos casos por agentes institucionais, ou seja, demonstrando como a língua hegemônica é incentivado desde a esfera institucional, de cima, para a esfera popular, para baixo.

Ainda nos casos em que, tenta-se aparentar o bilinguismo institucional, a língua principal sempre é o português, colocando o espanhol como uma língua de tradução. Tudo isto, não é privativo da institucionalidade, mesmo que a menor frequência, os membros da comunidade reproduzem os mesmos padrões, o qual é

reflexo no entendimento desta pesquisa, uma reprodução dos cânones institucionais, inclusive aqueles membros chegados de países hispânicos.

Outra questão apresentada, foi que teorias aportaram para explicar e tentar definir o Portunhol da Unila, e no decorrer da pesquisa, e através dos procedimentos metodológicos de levantamento bibliográfico, como de pré-análise do corpus, que foi possível obter aquelas teorias que mais se aproximam a realidade linguística da PL Unileira.

A relevância de ter analisado, em diversos momentos tanto o corpus, como o referencial teórico, levou à escolha de uma proposta de entendimento do fenômeno portunhol, como foi o de “Portunhol como interação comunicativo” trazido por Sturza (2019), e que serviu à sua vez, para não só observar as estratégias comunicativas clássicas como Alternância de código (*Code-Switching*) e Mistura de código (*Code-Mixing*), abrindo espaço para uma alternativa como o translinguagem proposto por entre outros Garcia e Wei (2014).

Os fatos evidenciados não só simples coincidências, dado que no percurso de toda a pesquisa, foi necessário ir ampliando os pressupostos teóricos a fim de poder responder com a maior precisão possível as questões levantadas. Com todos os cabos atados, é possível iniciar uma reflexão mais aprofundada dos que elementos analisados.

Para isso, retoma-se a pergunta inicial “De que maneiras o portunhol se manifesta na Paisagem Linguística (PL) da UNILA?” cuja resposta veio a confirmar a hipótese inicial deste trabalho, onde afirma que na PL da Unila, o Portunhol se apresenta como uma mistura de línguas livre, onde o sujeito ajusta seu discurso.

Logo de concluir a pesquisa, a resposta à pergunta norteadora, poderia ser dividida em duas partes:

- 1) O portunhol tem presença na Unila.
- 2) Existem pelo menos forma evidente de manifestação.

Neste sentido, pode-se afirmar que o Portunhol tem presença nos espaços da PL da Unila, dado que o português e o espanhol, encontram-se em um contato contínuo e se misturam em diversos objetos linguísticos constituindo elementos bilíngues, mas não de maneira independente, senão, como um só discurso.

Estes discursos, encontram-se representados forma de línguas misturadas (intrasentencial). Dentro de aqueles foram classificados como línguas misturadas, tem se apresentado duas possíveis explicações, uma estrutural que visa observar a língua de maneira isolada, e outra holística, que observa a língua, na mesma medida que ao sujeito e seu contexto. Esta audaz proposta se justifica no perfil dos sujeitos que frequentam a Unila, assim como as características que fazem da Universidade um espaço plural transfronteiriço.

Em todos os casos existe o risco de contestações, e espera-se que o proposto até aqui ajude em isso, trazer novas pesquisas referentes ao Portunhol, à paisagem linguística, as Políticas Linguísticas dentro da Unila. Esse risco aumenta, quando se procura mudar os paradigmas, em especial em sociedades tão fechadas como a Brasileira.

O percurso até aqui recorrido atendeu todos os objetivos planteados na pesquisa, e em certa medida inovou ao observar com outros parâmetros os discursos impressos na PL da universidade.

Para finalizar este breve espaço para as considerações finais, é justo afirmar que logo as análises, ainda existe uma estendida noção de um Brasil monolíngue, noção ou mito, que é transpassado aos estudantes da Unila sem importar sua nacionalidade. Isto, desafia, dia a dia os intentos de garantir uma universidade bilíngue, seja num olhar mais estrutural, como o cunhado nos documentos, ou uma perspectiva mais holística onde os sujeitos utilizam seus repertórios para se comunicar.

Seja qual seja a escolha, o Portunhol sempre estará presente, pois ele é livre e não olhas para as teorias, ele é do sujeito, da sua história, de seus conflitos e suas harmonias, ele é a imagem do sujeito cuja diversidade cultural não dá pé, a paradigmas nem teorias. O Portunhol, assim como qualquer fenômeno linguístico vivo, não é meu, nem de ninguém, ele vai tomando formas, conforme novos sujeitos se querem comunicar.

6. REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A.; BUSSE, S. Contato lingüístico e bilingüismo: algumas reflexões para o estudo do fenômeno da variação lingüística. **Línguas & Letras**, [s. l.], v. 9, n. 16, p. 11–25, 2008. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/1704>. Acesso em: 5 out. 2023.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 4ª edição. Lisboa: Edições 70, 2016.

BEN-RAFAEL, E. *et al.* Linguistic Landscape as Symbolic Construction of the Public Space: The Case of Israel. In: GORTER, D. (org.). **Linguistic Landscape**. Bristol, Blue Ridge Summit: Multilingual Matters, 2006. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.21832/9781853599170-001/html>. Acesso em: 7 nov. 2023.

BERGER, I. R.; LECHETA, M. A paisagem lingüística de um campus universitário fronteiriço: língua e poder em perspectiva. **Entrepalavras**, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 396, 2019. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1486>. Acesso em: 7 nov. 2023.

BOKAMBA, E. G. Are there syntactic constraints on code–mixing?. **World Englishes**, [s. l.], v. 8, n. 3, p. 277–292, 1989. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-971X.1989.tb00669.x>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Brasília: 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 29 jan. 2024.

BRASIL. **Lei Nº 12.189, de 12 de janeiro de 2010**. Dispõe sobre a criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA e dá outras providências. Brasília: 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112189.htm. Acesso em: 19 jan. 2024.

BREUNIG, C. G. **A alternância de código como pedagogia culturalmente sensível nos eventos de letramento em um contexto bilíngue**. 2005. 188 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/6161>. Acesso em: 5 out. 2023.

BUENO, W. **Mar paraguayo**. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Iluminuras, 1992.

BUSCH, B. The Linguistic Repertoire Revisited. **Applied Linguistics**, [s. l.], v. 33, n. 5, p. 503–523, 2012. Disponível em: <https://academic.oup.com/applij/article-lookup/doi/10.1093/applin/ams056>. Acesso em: 19 jan. 2024.

CALVET, L.-J. **Las políticas lingüísticas**. Buenos Aires: Edicial, 1997.

CHINELLATO DÍAZ, A. El portuñol en la triple frontera amazónica: del déficit al translenguar. **LaborHistórico**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 45–69, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/39144>. Acesso em: 5 out. 2023.

CLAROS, A. M. A.; CARLOS, V. G. Portunhol - língua. interlíngua ou dialeto? uma revisão bibliográfica. **WEB REVISTA SOCIODIALETO**, [s. l.], v. 11, n. 32, p. 175–199, 2021. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/sociodialeto/article/view/8018>. Acesso em: 5 out. 2023.

COSTA, G. O. T. da; MACIEL, R. F. Translinguagem: para além das línguas autônomas. **Revista Philologus**, [s. l.], v. 27, n. 79 Supl., p. 1434–1449, 2021. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/133>. Acesso em: 5 out. 2023.

COULMAS, F. Linguistic Landscaping and the seed of the public sphere. In: SHOHAMY, E.; GORTER, D. **Linguistic Landscape: Expanding the Scenery**. 0. ed. [S. l.]: Routledge, 2008. p. 13–24. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/9781135859138>. Acesso em: 3 nov. 2023.

DAY, K. C. N. Fronteiras linguísticas e fronteiras políticas: relações linguísticas e socio-históricas na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. **Cadernos de Letras da UFF**, [s. l.], v. 23, n. 47, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/43664>. Acesso em: 19 jan. 2024.

DI SCIULLO, A.-M.; MUYSKEN, P.; SINGH, R. Government and code-mixing. **Journal of Linguistics**, [s. l.], v. 22, n. 1, p. 1–24, 1986. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/product/identifiser/S0022226700010537/type/journal_article. Acesso em: 19 jan. 2024.

ELIZAINCÍN, A.; BEHARES, L. E.; BARRIOS, G. **Nos falemo brasileiro: dialectos portugueses en Uruguay**. Montevideo: Amesur, 1987.

FACHIN, O. **Fundamentos de Metodologia**. 5 ed.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FLICK, U. **Introdução à metodologia da pesquisa: um guia para iniciantes**. [S. l.]: Penso, 2013.

GARCÍA, O.; WEI, L. **Translanguaging: language, bilingualism and education**. Basingstoke, Hampshire New York: Palgrave Macmillan, 2014. (Palgrave Pivot).

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7ª edição. São Paulo: Atlas, 2013.

GORTER, D. (org.). **Linguistic Landscape**. Bristol, Blue Ridge Summit: Multilingual Matters, 2006. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.21832/9781853599170-001/html>. Acesso em: 7 nov. 2023.

GUMPERZ, J. J. **Discourse Strategies**. 1. ed. [S. l.]: Cambridge University Press, 1982. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/product/identifiser/9780511611834/type/book>. Acesso em: 25 jan. 2024.

GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. H. **Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.

HUEBNER, T. Bangkok's Linguistic Landscapes: Environmental Print, Codemixing and

Language Change. In: GORTER, D. (org.). **Linguistic Landscape**. Bristol, Blue Ridge Summit: Multilingual Matters, 2006.

KRASHEN, S. D. **Second language acquisition and second language learning**. Reprinted. Oxford: Pergamon Pr, 1985. (Language teaching methodology series).

LANDRY, R.; BOURHIS, R. Y. Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality: An Empirical Study. **Journal of Language and Social Psychology**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 23–49, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0261927X970161002>. Acesso em: 3 nov. 2023.

MORALES, G. M. C. Oportunhol: língua, interlíngua ou dialeto. **[IN]Genios**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 1–8, 2016. Disponível em: <https://www.ingeniosupr.com/vol-22/2016/1/29/o-portunhol-lngua-interlngua-ou-dialeto>. Acesso em: 5 out. 2023.

MUÑOZ, A. M. E. **Mutual intelligibility in the plurilingual context of the University of Latin-American integration: experiences, contact and plurilingual interaction**. 2016. Tese de Doutorado - Université Grenoble Alpes, Grenoble, 2016. Disponível em: <https://theses.hal.science/tel-01370807v1>. Acesso em: 28 jan. 2024.

ORLANDI, E. P. Ética e política lingüística. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 7–16, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8663595>. Acesso em: 17 fev. 2024.

OTHEGUY, R.; GARCÍA, O.; REID, W. A translanguaging view of the linguistic system of bilinguals. **Applied Linguistics Review**, [s. l.], v. 10, n. 4, p. 625–651, 2019. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/applirev-2018-0020/html>. Acesso em: 5 out. 2023.

PORTO, R. S. **Code-switching: perspectivas preliminares**. 2006. 161 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=9382@1>. Acesso em: 19 jan. 2024.

PORTO, R. S. Os estudos sociolingüísticos sobre o code-switching: uma revisão bibliográfica. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, [s. l.], v. 5, n. 9, p. 22, 2007. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_os_estudos_sociolingüísticos_sobre_o_code_switching.pdf.

RAMMÉ, V. Gramática da Intercompreensão. **Domínios de Lingu@gem**, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 589–618, 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/62088>. Acesso em: 20 jan. 2024.

RAMMÉ, V. Gramática(s) del contato entre línguas: Como hacer pesquisa en Portunhol? **Revista X**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 223, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/88047>. Acesso em: 5 out. 2023.

RONA, J. P. **El dialecto “fronterizo” del norte del Uruguay**. Montevideo: [s. n.], 1965.

SCHOLL, A. P. O conceito de translíngua e suas implicações para os estudos sobre bilinguismo e multilinguismo. **Revista da ABRALIN**, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 1–5, 2020.

Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1641>. Acesso em: 17 jan. 2024.

SEVERO, F. **Noite nu norte: versión anoitesida**. Montevideo: Kapparazón Ediciones, 2017. (Kapparazón ediciones, v. 2).

SHOHAMY, E. **Language policy: hidden agendas and new approaches**. 1. publed. London: Routledge, 2006.

SHOHAMY, E.; GORTER, D. **Linguistic Landscape: Expanding the Scenery**. 0. ed. [S. l.]: Routledge, 2008. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/9781135859138>. Acesso em: 3 nov. 2023.

STURZA, E. R. **Linguas de fronteira e política de linguas: uma hitoria das ideias linguísticas**. 2006. 168 f. Doutor em Linguística - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=491855>. Acesso em: 19 jan. 2024.

STURZA, E. R. Portunhol: a intercompreensão em uma língua da fronteira. **Revista Iberoamericana de Educación**, [s. l.], v. 81, n. 1, p. 97–113, 2019a. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/3568>. Acesso em: 5 out. 2023.

STURZA, E. R. Portunhol: língua, história e política. **Gragoatá**, [s. l.], v. 24, n. 48, p. 95–116, 2019b. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/portal/index.php/gragoata/article/view/33621>. Acesso em: 5 out. 2023.

TALLEI, J. **A língua de todos e a língua de cada um**. Recife, PE: Pipa Comunicação Editorial, 2021.

TALLEI, J. **Transbordando as fronteiras: lenguajes desde el entrelugar, resistencia y pluralidad en los Brasiles**. [S. l.]: Fua, 2020.

TEIXEIRA, W. B. **PRESENÇA E FUNÇÕES DO ESPANHOL NO ALTO RIO NEGRO/AM: considerações políticas e históricas**. 2014. 355 f. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

TEIXEIRA, W. B. **Reflexões sobre o Portunhol no Amazonas**. [S. l.: s. n.], no prelo.

UNILA. **Plano de desenvolvimento institucional 2019-2023 (UNILA)**. Foz do Iguaçu, 2019. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/proplan/planejamento/pdi-unila-2019-2023.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2024.

UNILA. **Regimento geral da universidade**. [S. l.: s. n.], 2013.

VOGT, H. Language Contacts. **WORD**, [s. l.], v. 10, n. 2–3, p. 365–374, 1954. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00437956.1954.11659533>. Acesso em: 19 jan. 2024.

WEINREICH, U. **Languages in Contact: Findings and Problems**. [S. l.]: De Gruyter Mouton, 1979. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783110802177/html>. Acesso em: 19 jan. 2024.

WEINREICH, U. **Lenguas en contacto: descubrimiento y problemas**. Venezuela: Ediciones

de la Biblioteca Universidad Central de Venezuela, 1974. (Temas, v. 72).